



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
PORTUGUESA

BRAGA

Adaptação e Validação da Escala de *Distress* do Fim da
Relação, a Escala Unidimensional de Proximidade na Relação
e a Escala de Atitudes perante a Infidelidade na Relação para
a População Portuguesa

Dissertação de Mestrado apresentada à
Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de mestre em **Psicologia
Clínica e da Saúde**

Maria Alexandra Faria Dias

Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais

JULHO 2024



CATÓLICA

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

BRAGA

Adaptação e Validação da Escala de *Distress* do Fim da
Relação, a Escala Unidimensional de Proximidade na Relação
e a Escala de Atitudes perante a Infidelidade na Relação para
a População Portuguesa

Dissertação de Mestrado apresentada à
Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de mestre em **Psicologia
Clínica e da Saúde**

Maria Alexandra Faria Dias

Sob a Orientação da Prof.^a Doutora Ângela Leite

Resumo

O estabelecimento de relações é algo normativo no desenvolvimento do ser-humano, sendo que existem diversos tipos de relações: familiar, laboral, amorosa, etc. Este estudo tem como objetivo geral estudar a relação entre o *distress* na separação, a proximidade na relação e a infidelidade. Além disso, os objetivos específicos incluem adaptar a *Breakup Distress Scale* para a amostra deste estudo, bem como a *Unidimensional Relationship Closeness Scale* e a *Attitudes Towards Relationship Infidelity Scale*. Pretende-se ainda analisar e relacionar as escalas com as variáveis sociodemográficas, analisar a relação entre as escalas e identificar um modelo de relação entre os três construtos subjacentes aos instrumentos. Este estudo é de natureza quantitativa descritiva e correlacional. O protocolo de investigação foi divulgado através das redes sociais dos investigadores e via *email* para estudantes de diversas instituições.

A amostra foi constituída por 322 participantes, com idades compreendidas entre os 16 e os 62 anos, sendo que mais de 80% da amostra é do sexo feminino e 299 participantes já estiveram numa relação. Os resultados encontrados revelam bons modelos de ajustamento dos questionários utilizados à amostra deste estudo. Para além disso, os resultados apontam que atitudes menos positivas relativamente à infidelidade simbolizam menos *distress* após o término e que o *distress* após o término é mais elevado quão mais próxima for a relação.

Palavras-chave: *distress* no término da relação, infidelidade, proximidade na relação

Abstract

The establishment of relationships is something common throughout the development of the human being and there are different kinds of relationships: family, work, love, etc. This study has as its primary goal the study of the relation between breakup distress, relationship closeness and infidelity. Besides this goal, there were established specific goals such as to adapt and validate the Breakup Distress Scale, the Unidimensional Relationship Closeness Scale and the Attitudes Toward Relationship Infidelity Scale to a sample of the Portuguese population; analyze and correlate the scales with the sociodemographic variables; analyze the relation between the scales and identify a model in which the three constructs under study are related. The investigation protocol was shared in the investigators' social media and via email for students from different faculties.

The sample consisted of 322 participants between 16 and 62 years of age. More than 80% are females and 299 participants have been in a relationship. The results showed good models of adjustment for the questionnaires used towards the sample of this study. The results state that less positive attitudes towards infidelity mean less breakup distress and that the breakup distress increases with how close the relationship was.

Keywords: breakup distress, infidelity, relationship closeness

Índice

Resumo.....	ii
Abstract	iii
Índice de Figuras	2
Índice de Tabelas.....	3
Introdução	1
Enquadramento Teórico	2
Relação Amorosa e Separação.....	2
<i>Distress</i> do Fim da Relação	3
Proximidade na Relação	5
Infidelidade	7
Proximidade na Relação, Infidelidade e <i>Distress</i> na Separação	8
Metodologia	10
Objetivos.....	10
Desenho do estudo.....	10
Instrumentos	12
<i>Questionário Sociodemográfico</i>	12
<i>Unidimensional Relationship Closeness Scale</i>	13
<i>Attitudes Towards Relationship Infidelity Scale</i>	14
Análise estatística	14
Resultados	16
Discussão.....	45
Referências	49

Índice de Figuras

Figura 1 – Análise Fatorial Confirmatória da BDS

Figura 2 – Análise Fatorial Confirmatória da ATRI

Figura 3 – Análise Fatorial Confirmatória da EUPR

Figura 4 – Diferenças na EUPR em função da existência de uma relação amorosa atual ou passada

Figura 5 - Diferenças na EUPR em função da duração do relacionamento amoroso

Figura 6 - Diferenças na BDS em função da relação romântica atual

Figura 7 - Diferenças na EUPR em função da relação romântica atual

Figura 8 - Diferenças na BDS em função de ter experienciado o fim de uma relação amorosa

Figura 9 - Diferenças na EUPR em função de ter experienciado o fim de uma relação amorosa

Figura 10 - Diferenças na BDS em função de quem foi o responsável

Figura 11 - Diferenças na BDS em função do tempo desde o fim da relação

Figura 12 - Diferenças na EUPR em função do tempo desde o fim da relação

Figura 13 - Diferenças na BDS em função de ter outras relações após o término da anterior

Figura 14 - Diferenças na EUPR em função de ter outras relações após o término da anterior

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Frequências Sociodemográficas

Tabela 2 - *Breakup Distress Scale*: Frequência dos itens

Tabela 3 - Escala Unidimensional de Proximidade na Relação: Frequência dos itens

Tabela 4 - Escala de Atitudes perante a Infidelidade na Relação: Frequência dos itens

Tabela 5 - Frequências dos Totais

Tabela 6 - Valores médios da BDS, EUPR e ATRI em função dos relacionamentos afetivos

(1. Já viveu uma relação amorosa?): Testes paramétricos e não paramétricos

Tabela 7 - Valores médios da BDS, EUPR e ATRI em função dos relacionamentos afetivos

(1.1. Qual a duração do relacionamento amoroso?): Testes paramétricos e não paramétricos

Tabela 8 - Valores médios da BDS, EUPR e ATRI em função dos relacionamentos afetivos

(2. Atualmente encontra-se numa relação amorosa?): Testes paramétricos e não paramétricos

Tabela 9 - Valores médios da BDS, EUPR e ATRI em função dos relacionamentos afetivos

(2.1. Duração do relacionamento amoroso atual): Testes paramétricos e não paramétricos

Tabela 10 - Valores médios da BDS, EUPR e ATRI em função dos relacionamentos afetivos

(3. Já experienciou o fim de uma relação amorosa?): Testes paramétricos e não paramétricos

Tabela 11 - Valores médios da BDS, EUPR e ATRI em função dos relacionamentos afetivos

(3.1. Quem foi o responsável pelo fim da relação?): Testes paramétricos e não paramétricos

Tabela 12 - Valores médios da BDS, EUPR e ATRI em função dos relacionamentos afetivos

(3.2. Há quanto tempo terminou a sua relação?): Testes paramétricos e não paramétricos

Tabela 13 - Valores médios da BDS, EUPR e ATRI em função dos relacionamentos afetivos

(3.3. Depois desse término já teve outras relações?): Testes paramétricos e não paramétricos

Introdução

O estudo das relações interpessoais, nomeadamente as amorosas, é crescente em diversas áreas, seja pelo tipo de relação que é estabelecida ou pela forma como é estabelecida, isto é, problemas como a violência no namoro, perfis falsos em aplicações de encontros, entre outros, tornam este tema passível de ser estudado sob diferentes perspetivas.

Neste estudo, iremos analisar o término da relação, nomeadamente, o sentimento de stress intenso que advém do fim da relação, bem como a proximidade na relação e a perspetiva sobre a infidelidade. O *distress* do fim da relação entende-se como um sentimento de stress não normativo nem de transição que surge devido ao fim de uma relação amorosa, especialmente se a pessoa sente que uma parte da sua identidade residia na outra pessoa (Field, 2020). Para a relação ser próxima, a pessoa tem de identificar no outro características que lhe pareçam benéficas para si (Li et al., 2020), sendo que quão mais próxima for uma relação, maior interdependência existe. Por fim, a infidelidade nas relações monogâmicas constitui-se como tudo aquilo que a outra pessoa possa entender e caracterizar como quebra de confiança e elo íntimo, ou seja, a infidelidade pode ser considerada emocional (estabelecimento de uma relação profunda com outra pessoa) e física (existência de relações sexuais com outra pessoa).

O objetivo principal desta investigação é adaptar instrumentos psicológicos distintos que avaliam os construtos acima descritos (i.e., *distress* do fim da relação, proximidade na relação e infidelidade). Para além disso, pretende-se entender os motivos que podem levar ao fim da relação e ao desenvolvimento de *distress* através do estudo da proximidade da relação estabelecida com o/a parceiro/a com quem a relação terminou e a visão sobre a infidelidade.

Este trabalho inicia com uma breve explicação de todos os conceitos que estão a ser alvo de estudo (relação amorosa, *distress* do fim da relação, proximidade na relação e infidelidade). Posteriormente são identificados os objetivos do estudo, de que forma se

procedeu à recolha da informação (i.e., questionários utilizados, disseminação dos mesmos) e de que forma foram tratadas as respostas e os testes realizados. Assim, são apresentados os resultados, onde se inclui a descrição da amostra, os resultados dos testes realizados e o que significam no âmbito deste estudo. Por fim, comparam-se os resultados encontrados neste estudo com a literatura existente sobre o tema e realizam-se as conclusões possíveis tendo em conta as limitações encontradas.

Enquadramento Teórico

Relação Amorosa e Separação

Nesta investigação, o tipo de relação a ser alvo de estudo é a relação amorosa. Assim, num primeiro momento, iremos esclarecer aquilo que se entende por relação amorosa. Denota-se que a literatura sobre o tema é escassa.

As relações amorosas são das relações mais significativas que podemos estabelecer ao longo da vida (Campbell & Stanton, 2019), sendo estas responsáveis por um sentido de independência, confiança, pertença e autonomia (Raley et al, 2007). Assim, a relação romântica é identificada como uma fase relevante no desenvolvimento do adolescente e jovem adulto, uma vez que despoleta papéis diferentes na pessoa (Barzeva et al., 2021; Nelson & Millett, 2021). A literatura aponta que em jovens que tenham comportamentos de maior isolamento social, isto é, que prefiram estar sozinhos do que participar em atividades com mais pessoas, sejam estas familiares ou amigos, apresentam comportamentos mais sociáveis aquando de uma relação amorosa, especialmente se esta for a sua primeira relação (Barzeva et al., 2021; Nelson et al., 2019). Numa relação amorosa, a confiança e a segurança são fatores essenciais para o estabelecimento desta entre duas pessoas (Yilmaz et al., 2023; Simpson, 2007). Damásio (2023) identifica que para uma relação estar mais preparada para lidar com *stress* e ameaças, a demonstração de interdependência e motivação para alterar o comportamento de centrado em si mesmo (i.e., ter apenas em consideração os seus interesses

individuais) para centrado na relação (i.e., dar prioridades aos interesses da relação, mesmo que sejam contraditórios aos interesses individuais) são essenciais. Assim a saúde da relação é assegurada (Damásio, 2023).

De acordo com os dados do último Recenseamento da População e da Habitação – CENSOS (Instituto Nacional de Estatística, 2021) – mais de 8% dos núcleos familiares com filhos são reconstituídos (i.e., famílias com filhos em que, pelo menos, um desses filhos é filho de apenas um dos membros do casal) e, em comparação com 2011 (data dos CENSOS anteriores), o número de divórcios aumentou 2.4 pontos percentuais, representando o estado civil de 8% da população portuguesa. Damásio (2023) identifica diversas alterações na génese de uma relação amorosa ao longo do tempo, especialmente no que concerne à infidelidade e ao matrimónio, que podem contribuir para a explicação do aumento de divórcios na atualidade e expõem a evolução da união matrimonial no que concerne ao motivo que leva a esta união. Segundo Damásio (2023), o aumento dos divórcios pode dever-se à banalização do mesmo, dado não haver uma reflexão aprofundada sobre o impacto que este tem nas famílias como um todo e nas pessoas individualmente. As relações atuais aparentam não ter estabilidade suficiente para ultrapassar divergências e “turbulências mínimas” (Damásio, 2023, p. 17) e optam pelo término da relação antes de resolver a crise e, possivelmente, avançarem para outra fase do relacionamento (Damásio, 2023).

Distress do Fim da Relação

Antes de abordar aquilo que se constitui como *distress* no fim da relação, torna-se necessário explicar o que se entende por *distress*. A literatura não é consensual neste âmbito, mas Selye (1975) entende e descreve o *stress* como algo divisível entre bom e mau. Assim, o “bom” *stress* (*eustress*) é o *stress* transitório, que é desejável e vantajoso na resposta às exigências do meio, aumentando a autoeficácia da pessoa (Branson et al., 2019). O *distress*, enquanto “mau” *stress* simboliza o contrário, ou seja, é uma resposta que prejudica a pessoa,

diminui a capacidade de autoeficácia e é considerado adverso para a saúde mental (Branson et al., 2019). Assim, *distress* no término da relação, simboliza um comportamento adverso na sequência do *stress* potenciado pela dissolução da relação amorosa.

O término de uma relação é uma das perdas mais stressantes que um adulto pode experienciar (Monroe et al., 1999; Randelović & Goljović, 2020) e são vários os motivos que podem levar ao término de uma relação, tais como a incompatibilidade ou já não sentir o mesmo pela outra pessoa (Carter et al., 2018). É de ressaltar que, segundo Field (2017), o término de uma relação com outra pessoa não é, necessariamente, causador de *distress* aquando de uma separação. No entanto, para a pessoa que desenvolve *distress* relacionado com o término da relação, este pode, como consequência, levar à depressão, sentimentos de rejeição, traição e sintomas físicos como dor no coração, enfraquecimento do sistema imunitário, tristeza, raiva e síndrome de coração partido (Field, 2017; Field, 2020; Geng et al., 2022). A síndrome de coração partido, mais conhecida como Síndrome de Takotsubo (ST) ou Miocardiopatia Takotsubo, é uma disfunção transitória do ventrículo esquerdo induzida por níveis altos de catecolaminas – neurotransmissores associados à resposta a situações de *stress* – que se assemelha à Síndrome Coronária Aguda (SCA), mas com anormalidades do movimento da parede do ventrículo esquerdo (Fernandes & Montera, 2020; Singh et al., 2014). Apesar de o motivo mais aceite na literatura para o surgimento e desenvolvimento desta miocardiopatia ser os níveis altos de catecolaminas, este não é ainda consensual. Assim, acredita-se que o desenvolvimento desta síndrome se deve a altos níveis de *stress* (Diaz-Navarro, 2021; Nóbrega & Brito, 2012). O nome desta síndrome deve-se ao primeiro diagnóstico ter sido feito pela primeira vez no Hospital de Hiroshima no Japão e, daí surge a ligação com Takotsubo que é uma palavra japonesa utilizada para “armadilha para polvo” e a forma dessa armadilha assemelha-se ao coração de alguém com este diagnóstico.

Para o desenvolvimento ou não desenvolvimento de *distress* na separação, a literatura aponta fatores de risco e fatores protetores que contribuem ou inibem o surgimento do mesmo, respetivamente. Alguns fatores de risco incluem ter sido ou não a pessoa que terminou a relação, estar numa relação espiritual (i.e., a componente religiosa ter importância na relação), ter pensamentos intrusivos, ter medo de estar solteiro(a), ver a relação como parte da própria identidade ou como definição do seu valor como pessoa, ser do género feminino (Field, 2020; van der Watt et al., 2023). Existem ainda fatores protetores, ou seja, que podem contribuir para o não surgimento de *distress* relacionado com a separação como, por exemplo, ter investido na relação, ter uma relação de proximidade com o/a parceiro/a, ter mantido essa relação de proximidade com o parceiro, ter iniciado outra relação ou já ter tido outras relações no passado, entre outros (Field, 2020).

Proximidade na Relação

A proximidade na relação e a intimidade são palavras, muitas vezes, utilizadas como sinónimos. Por isso, será feita uma breve distinção entre ambas para que se perceba o porquê de se considerar para este estudo a proximidade na relação e não a intimidade como construto em análise.

Em relações amorosas, a proximidade na relação e a intimidade sobrepõem-se (Dibble et al., 2012). Contudo, a intimidade é fruto de relações longas e próximas em que a confiança está estabelecida, ou seja, para haver intimidade é necessário que a relação seja próxima (Czyzowska, 2019; Muniruzzaman, 2017). Assim, a diferença primordial entre ambas prende-se com o facto de a intimidade depender da proximidade, mas para a existência de uma relação próxima, a intimidade não tem de ser uma condição pré-existente.

A proximidade na relação assume uma posição central na vida da pessoa (Nikitin & Freud, 2021) e, através destas relações, a pessoa desenvolve vários benefícios físicos e psicológicos (Li et al., 2020). Dependendo do tipo de relação (amizade, romântica, familiar),

o nível de proximidade varia dentro e fora desta, ou seja, o mesmo tipo de relação não detém o mesmo tipo de proximidade, dependendo das pessoas que dela fazem parte (Dibble et al., 2012). Portanto, a proximidade numa relação está diretamente relacionada com as pessoas que fazem parte desta, não sendo garantida a proximidade pelo tipo de relação. A interdependência entre duas pessoas é aquilo que define a proximidade ou a falta/inexistência de proximidade. Dibble et al. (2012) identificam que esta interdependência na relação pode ocorrer ao nível cognitivo, emocional, comportamental e varia ao longo do tempo. O apoio social detém um papel importante nesta interdependência por ser o fator que permite a existência de proximidade (Krause e Smith, 2022), estabilidade e previsibilidade que geram na pessoa um sentimento de pertença e integração o que, conseqüentemente, leva a experiências mais positivas na relação (Cohen & Wills, 1985).

Numa outra perspectiva, Aron et al. (1991) consideram que a proximidade na relação é cognitiva, ou seja, numa relação existe uma conjugação entre o self da pessoa e o self de uma outra pessoa considerada significativa para o próprio. Isto significa que ambas incluem no seu self outras partes do self da outra pessoa significativa (Aron et al., 1991). Branand et al. (2019) defendem que a inclusão de outra pessoa (self) no nosso próprio self constitui-se como uma motivação que incita à criação de laços. Esta inclusão/junção de self, permite que nas relações próximas haja uma expansão de quem somos, e que esta expansão faça com que a outra pessoa informe quem nós somos, forneça novas ferramentas, mude a nossa visão do mundo e afete a nossa forma crítica de ver vantagens e desvantagens nas situações (Branand et al., 2019). A sobreposição do self é, significativamente, mais evidente em relações próximas (Uğurlar et al., 2021). Para Uğurlar et al. (2021), isto deve-se ao facto de nas relações próximas, os indivíduos tendencialmente se tornarem um só (i.e., a relação próxima exige uma negociação entre o “eu” individual e o “nós”; Damásio, 2023) e, de certa forma, torna-se dúbio quem tomou determinada decisão ou quem realizou determinado

comportamento. Quando a sobreposição do self é tão acentuada, o self da outra pessoa é incluído no nosso, ou seja, a representação mental que temos de nós mesmos é unida/sobreposta à representação mental que temos de uma pessoa próxima (Aron & Fraley, 1999; Uğurlar et al., 2021).

Infidelidade

A definição de infidelidade tem evoluído à medida que diferentes estudos são realizados sobre esta, não existindo ainda uma definição que seja consensual na literatura. Fife et al. (2008) afirmam que as relações são caracterizadas por um compromisso de intimidade que inclui fidelidade emocional e/ou sexual, sendo que a infidelidade se constitui como uma traição deste compromisso. Segundo os autores, a infidelidade é uma partilha da intimidade emocional e/ou sexual (Fife et al., 2008). Káplanová e Gregor (2019) defendem que a infidelidade sexual e a emocional não precisam de existir de forma concomitante. Contudo, os autores reiteram que a infidelidade sexual pode implicar infidelidade emocional e vice-versa. Rokach e Chan (2023) definem infidelidade como um segredo sexual, emocional ou romântico que viola a exclusividade subjacente a uma relação romântica, sendo que a infidelidade sexual se refere ao envolvimento em atos sexuais com uma outra pessoa e a infidelidade emocional ao desenvolvimento de sentimentos íntimos e profundos para com uma pessoa fora do relacionamento base. Blow e Harnett (2005) apresentam a infidelidade como uma quebra da confiança que existe na relação. Esta apresentação da infidelidade é comum a vários autores, sendo que alguns autores acrescentam ainda que a infidelidade pode trazer consequências negativas individuais e relacionais como o término da relação (Gossner, 2022; Grøntvedt et al., 2020).

A Ordem dos Psicólogos Portugueses (OPP, 2022), num documento em que aborda o divórcio, aponta que uma das principais causas para a separação é a infidelidade, dado que a descoberta da infidelidade numa relação destrói a estabilidade e segurança previamente

estabelecidas (Fife et al., 2008). Tendo em conta as consequências da infidelidade, esta é considerada moralmente errada (Fife et al., 2008). No entanto, Nafisa e Ratsanari (2022) ressaltam que esta visão da infidelidade advém de culturas monogâmicas. Os motivos que podem levar à infidelidade são diversos, sendo alguns exemplos a incompatibilidade nas características interpessoais como questões sociodemográficas (etnia, nível socioeconómico, emprego, etc.), personalidade, estilos de vinculação, valores sexuais (i.e. as ideologias religiosas, políticas e sociais como a igualdade de género, o sexo pré-matrimonial), estando estes mais associados a comportamentos infiéis do que características da própria pessoa (Haseli et al., 2019). Portanto, a compatibilidade das características das pessoas envolvidas na relação deve ser tida em consideração para os indivíduos que pretendam uma relação romântica de longo prazo.

O comportamento que se caracteriza como infiel pode variar de acordo com o contexto específico da relação de intimidade, isto é, dependendo da relação, comportamentos como almoçar ou tomar café com alguém que não o parceiro pode ser considerado um sinal de infidelidade (Silva et al., 2017). Para além da conceção de infidelidade ser diferente de pessoa para pessoa, alguns autores apontam que a infidelidade sexual e a emocional são mais preocupantes dependendo do sexo, ou seja, alguns autores referem que, em relações heterossexuais, a mulher é mais sensível à infidelidade emocional enquanto o homem é mais suscetível à traição sexual (Rokach & Chan, 2023; Silva et al., 2017).

Proximidade na Relação, Infidelidade e Distress na Separação

Este estudo tenciona também compreender de que forma estes três construtos se interrelacionam. Assim, torna-se necessário evidenciar de que forma é que estes se encontram interligados na literatura.

Numa relação próxima (como expectável que seja uma relação amorosa), o self das duas pessoas envolvidas interliga-se (Aron & Fraley, 1999; Uğurlar et al., 2021). Assim,

segundo Reimer e Estrada (2021), sentimentos de perda após o término de uma relação estão relacionados com o quão próxima essa relação era e Randelović & Goljović (2020) descrevem o término de uma relação como uma das perdas mais significativas que o ser humano pode experienciar. Bravo et al. (2017) evidenciam que, para a população mais nova (adolescentes/jovens adultos), a proximidade, intimidade, confiança, comunicação, entre outras, são entendidas como benefícios de uma relação. Logo, a falta de compromisso e a quebra da afiliação levam à separação (Bravo et al., 2017). Para além do mais, em relações monogâmicas, sabe-se que a infidelidade, seja esta sexual e/ou emocional, muitas vezes, leva ao término da relação devido à perda de confiança provocada pelos comportamentos de infidelidade (Field et al., 2009; Gossner, 2022). Fife et al. (2022) evidenciam que, se devido à infidelidade o casal termina a relação, estes estão mais suscetíveis a desenvolver *distress*. Portanto, infidelidade em relações próximas aumenta a probabilidade de desenvolvimento de *distress*. Contudo, a literatura não é específica no que concerne as relações de proximidade e a infidelidade, ou seja, não existem evidências concretas sobre se a proximidade ou falta desta entre duas pessoas inibe ou não os comportamentos entendidos pelo casal como de infidelidade. Selterman et al. (2021) descrevem que mesmo havendo proximidade na relação base, a relação de infidelidade estabelecida por pelo menos uma pessoa do casal com uma outra pessoa exterior ao núcleo, não atinge o nível de satisfação emocional/intelectual que a pessoa previa, sendo que o contrário acontece em relações não próximas. Porém, Selterman et al. (2021) ressaltam que, mesmo nas relações percebidas como próximas pelos envolvidos, os comportamentos de infidelidade se devem mais às características da pessoa como ser individual e não às características da relação.

Dada a pertinência do tema e a escassez de instrumentos aferidos para a população portuguesa, este estudo propõe-se constituir-se como um estudo preliminar da adaptação de instrumentos psicológicos à população portuguesa.

Metodologia

Objetivos

Este estudo tem como objetivo geral estudar a relação entre o *distress* na separação, a proximidade na relação e a infidelidade. Os objetivos específicos incluem: (a) adaptar a *Breakup Distress Scale* para a amostra deste estudo; (b) adaptar a *Unidimensional Relationship Closeness Scale* para a amostra deste estudo; (c) adaptar a *Attitudes Towards Relationship Infidelity Scale* para a amostra deste estudo; (d) analisar e relacionar as escalas com as variáveis sociodemográficas; (e) analisar se as escalas se relacionam entre si e (f) identificar um modelo de relação entre as três variáveis. Tendo como base os objetivos acima mencionados, foram elaboradas as seguintes hipóteses (H):

H1: O modelo encontrado da *Breakup Distress Scale* apresenta um bom ajustamento à amostra do estudo.

H2: O modelo encontrado da *Unidimensional Relationship Closeness Scale* apresenta um bom ajustamento à amostra do estudo.

H3: O modelo encontrado da *Attitudes Towards Relationship Infidelity Scale* apresenta um bom ajustamento à amostra do estudo.

H4: Existem diferenças nos valores das escalas em função das variáveis sociodemográficas.

H5: Existe uma relação entre o *distress* sentido após o término da relação, a proximidade da relação e a infidelidade.

H6: A proximidade na relação e a infidelidade predizem o *distress* sentido após o término da relação.

Desenho do estudo

Este trabalho, do ponto de vista temporal, é de carácter transversal, ou seja, a recolha de dados sobre o assunto em estudo será realizada num único momento. Este estudo

apresenta um desenho descritivo-correlacional, visto que tem como o objetivo descrever e relacionar as diferentes variáveis. O cariz da investigação é quantitativo.

Procedimentos

A realização deste estudo obedece aos Princípios Éticos para a Investigação Médica em Seres Humanos (Declaração de Helsínquia, 2008 e posteriores revisões) e foi aprovado pelo Conselho Científico da Universidade Católica Portuguesa.

A tradução de todas as escalas obedeceu às normas estabelecidas pela *International Test Commission* (ITC) para a tradução e adaptação de testes (Gregoire, 2018), bem como para a tradução e retro tradução dos mesmos (Brislin, 1980). A versão original das escalas foi traduzida de inglês para português por dois tradutores bilingues, sendo um da área das ciências sociais e outro psicólogo. Um terceiro tradutor bilingue com formação em psicologia realizou a reconciliação das duas traduções. O primeiro tradutor comparou a tradução de português para inglês com a versão original em inglês para perceber a consistência da equivalência linguística e cultural. Não foram encontradas diferenças significativas entre as versões. As versões portuguesas das escalas, bem como as escalas na língua original (inglês) podem ser encontradas no Anexo B (*Breakup Distress Scale*), Anexo C (*Unidimensional Relationship Closeness Scale*) e Anexo D (*Attitudes Towards Relationship Infidelity Scale*). Para a construção do questionário e, posteriormente, da recolha de dados foi utilizada a plataforma *online*, *Google Forms*. Este questionário foi divulgado via *email* e através das redes sociais. Primeiramente, o questionário apresenta um consentimento informado no qual é apresentado o teor da investigação, os seus objetivos e a constituição do questionário. Para além disso, o consentimento informado reivindica que todos os dados são de carácter anónimo e confidencial. De forma a prosseguir para o questionário, o participante deve consentir a sua participação neste estudo. No caso de o indivíduo não querer participar, poderá abandonar o estudo a qualquer momento, sem qualquer penalização.

Instrumentos

Questionário Sociodemográfico

O Questionário Sociodemográfico permite a recolha de dados sobre a amostra. Neste sentido, as informações recolhidas para a caracterização da amostra são: sexo, idade, estado civil, escolaridade, orientação sexual e questões relativas às relações amorosas.

O sexo, sendo uma variável nominal, tem como opções de resposta: masculino e feminino. A idade é uma variável contínua e, portanto, é representada com o número de anos do indivíduo. Relativamente ao número de anos de escolaridade, dado que esta se caracteriza como uma variável ordinal, os indivíduos terão um conjunto de hipóteses que definem o grau de escolaridade dos mesmos (e.g., 1 – 4 anos de escolaridade: ensino básico). Para aferir a ocupação atual da pessoa, sendo esta uma variável nominal, a pessoa terá de selecionar a hipótese que melhor se adequa a si entre se está ativo (trabalhador-estudante, dona/o de casa, cuidador, etc.) ou inativo (desempregado, reformado, com baixa médica). Quanto às questões relativas às relações românticas, a pessoa será questionada sobre se se encontra ou não numa relação amorosa e a sua orientação sexual. Para outras questões sobre relações amorosas, a escala de resposta varia, sendo que para as questões “Já viveu uma relação amorosa?”, “Atualmente, encontra-se numa relação amorosa?” e “Já experienciou o fim de uma relação amorosa?” apresenta-se uma escala de resposta dicotómica de “Sim” ou “Não”. As questões relativas à duração de um relacionamento prévio e do relacionamento atual têm resposta facultativa, dado que dependem se a pessoa já esteve num relacionamento que terminou ou está atualmente num relacionamento. Contudo, a escala de resposta apresenta 4 opções com diferentes intervalos temporais: 1) Menos de 6 meses; 2) 6 a 12 meses; 3) 12 a 24 meses; 4) Mais de 2 anos.

Breakup Distress Scale

A Escala de *Distress* do Fim da Relação, na sua versão original *Breakup Distress Scale* (Field et al., 2009), é uma escala adaptada do Inventário de Luto Complicado (i.e. *Inventory of Complicated Grief* – Prigerson et al., 1995), dado que o *distress* na separação encontra-se associado a um sentimento de perda. Assim, os autores modificaram os itens de forma que estes se referissem a um/a parceiro/a. Porém, dos 19 itens do Inventário de Luto Complicado, 3 não se adaptaram à modificação da escrita e, por isso, não foram considerados. A escala original conta, portanto, com 16 itens (e.g., “Sinto que não consigo aceitar o fim da relação”) que devem ser respondidos numa escala de resposta de tipo *Likert* de quatro pontos, que varia entre 1 “Não, de todo” e 4 “Muito mesmo”. Neste sentido, pontuações mais altas indicam maior *distress* após o término da relação e pontuações mais baixas menor *distress*. Este instrumento apresenta apenas uma dimensão (unidimensional) e o alfa de Cronbach é de .91 (Field et al., 2009 as cited in Zapata-Vega et al., 2022).

Unidimensional Relationship Closeness Scale

A Escala Unidimensional de Proximidade na Relação (EUPR), originalmente *Unidimensional Relationship Closeness Scale* (Dibble et al., 2011), é um instrumento de autorrelato com 12 itens, utilizada para medir a proximidade entre duas pessoas. No entanto, esta escala não se limita a nenhum tipo de relação específica, sendo que, pode ser utilizada para diversos tipos de relações como, por exemplo, familiares, de amizade, etc. A escala é uma junção de itens de outras escalas que se relacionam com a proximidade na relação e alguns itens foram redigidos pelos autores. Cada item deve ser respondido utilizando uma escala tipo *Likert* de 7 pontos, sendo que 1 corresponde a “Discordo Fortemente” e 7 “Concordo Fortemente”. Em todos os itens, utilizar a pontuação 1 pode significar a falta de relações próximas significativas e a utilização de valores mais elevados, como 7 significa a existência de relações de proximidade. Portanto, pontuações mais baixas significam a

existência de poucas relações próximas significativas e pontuações mais elevadas simbolizam a existência de relações de proximidade significativas. Os autores da escala não apresentam um valor de confiabilidade interna da escala (e.g. alfa de Cronbach), dado que o facto de esta ser composta por vários itens de outra escalas e se correlacionar com essas mesmas escalas, a consistência interna fica salvaguardada.

Attitudes Towards Relationship Infidelity Scale

A Escala de Atitudes perante a Infidelidade na Relação (*Attitudes Towards Relationship Infidelity Scale* – ATRI; DeWall, 2011) é constituída por 5 itens (e.g., “Trair o/a meu/minha parceiro/a é moralmente errado.”) que medem a atitude da pessoa face à infidelidade recorrendo a uma escala de resposta do tipo *Likert* com 5 pontos, sendo que, 1 corresponde a “Discordo Fortemente” e 5 “Concordo Fortemente”. É de notar que os itens 2, 4 e 5 são itens invertidos. Isto é, se no item 2 “Se a outra pessoa nunca soubesse, eu trairia o/a meu/minha parceiro/a.” a pessoa for contra esta afirmação, irá responder 1 “Discordo Fortemente”. Contudo, para efeitos de pontuação da escala, o 1 terá de ser considerado um 5, já que valores mais elevados de resposta se interpretam como atitudes menos positivas relativamente à infidelidade e valores mais baixos significam atitudes mais positivas relativamente à infidelidade. A escala é unidimensional e, na sua versão original (em inglês), apresenta um alfa de Cronbach total de .78.

Análise estatística

Os dados recolhidos neste estudo serão tratados através da utilização do programa *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS, versão 28), *AMOS 28* e *JAMOVI 2.3.28*. As análises levadas a cabo são de carácter descritivo (média, desvio-padrão, mínimo e máximo, desvio-padrão, percentagem, frequência, assimetria e curtose) e de confiabilidade através do alfa de *Cronbach* (valores superiores a 0.70 significam boa confiabilidade). Para a validação dos questionários, nomeadamente a Escala de *Distress* do Fim da Relação, a Escala

Unidimensional de Proximidade na Relação e a Escala de Atitudes perante a Infidelidade na Relação será realizada uma análise fatorial exploratória (AFE) cujo objetivo é a definição da estrutura latente entre as variáveis na análise e a agrupação dos itens em fatores (Hair et al., 2010). Segundo Hair et al. (2014) para que os itens fiquem retidos necessitam de saturar, pelo menos, 0.40 no fator primário. Nos outros fatores, não deve saturar acima de 0.32 (Costello & Osborne, 2005). Após a AFE, será realizada uma análise fatorial confirmatória (AFC) que permite verificar *a priori* o ajustamento dos dados observados ao modelo hipotético. Para tal foram considerados os seguintes índices: Chi-square (χ^2), para o qual valores de p não devem ser significativos ($p < 0.05$) de forma ser possível confirmar um bom ajustamento do modelo à população em estudo; *Standardized Root-Mean-Square Residual* (SRMR), para a qual os valores devem ser inferiores a 0.08 para que seja garantido um bom ajustamento; *Comparative Fit Index* (CFI), *Tucker-Lewis Index* (TLI), *Goodness of Fit* (GFI), *Incremental Fit Index* (IFI), com valores acima de 0.95; e o *Root Mean Square Error of Approximation* (RMSEA) abaixo de 0.06 (Hu & Bentler, 1999). Para as análises de relação entre as variáveis sociodemográficas e as escalas serão utilizados testes paramétricos (teste *t student* ou ANOVA) e testes não paramétricos (Mann Whitney ou Kruskal Wallis). Para relacionar as escalas entre si recorrer-se-á ao teste r de Pearson. De forma a analisar a intensidade da correlação, Bryman & Cramer (2003) identificam pontos de corte para cada nível de correlação, isto é, uma correlação muito baixa apresenta valores inferiores a 0.20; uma correlação baixa valores entre 0.20 (inclusive) e 0.40; uma correlação moderada entre 0.40 (inclusive) e 0.70; uma correlação alta entre 0.70 (inclusive) e 0.90 e, por fim, uma correlação muito alta com valores iguais ou superiores a 0.90.

Resultados

Análise Estatística Descritiva

A amostra do estudo, apresentada na Tabela 1, é constituída por 322 participantes na sua maioria do sexo feminino ($n=260$, 80.70%). As idades da amostra variam entre os 16 e os 62 anos, com uma média 25.47 anos ($DP=8.58$). Ao nível da escolaridade, mais de metade da amostra ingressou no ensino superior ($n=222$, 68.9%) e encontra-se numa situação profissional considerada ativa ($n=306$, 95%). Em questões mais específicas sobre relações amorosas, mais de 90% da amostra já esteve numa relação ($n=299$, 92.90%), mas apenas 213 pessoas se encontram atualmente numa relação, sendo que a maioria dos participantes refere já ter vivido o término de um relacionamento ($n=258$, 80.10%).

Tabela 1*Frequências Sociodemográficas (N = 322)*

<i>Sociodemográfico</i>		N	%	Min	Max	M	DP	As	Ct
Idade			100	16	62	25.47	8.58	2.03	3.77
Sexo								-1.57	.46
0	Masculino	62	19.30						
1	Feminino	260	80.70						
Habilitações Literárias								-1.17	.01
1	Ensino Básico	0	0						
2	2º Ciclo	2	.60						
3	3º Ciclo	3	.90						
4	Ensino Secundário	95	29.50						
5	Licenciatura	145	45.00						
6	Mestrado	75	23.30						
7	Doutoramento	2	.60						
Situação Profissional Atual								-4.16	15.43
0	Inativo(a) (reformado, desempregado, com baixa médica)	16	5.00						
1	Ativo(a) (estudante, trabalhador, dono(a) de casa)	306	95.00						
Estado Civil								-1.78	-1.41
0	Não está numa relação romântica/afetiva (solteiro(a), divorciado(a), separado(a), viúvo(a))	103	32.00						
1	Está numa relação romântica/afetiva (namorado(a), união de facto, casado(a))	219	68.00						

Tabela 1 (continuação)*Frequências Sociodemográficas (N = 322)*

Já viveu uma relação amorosa?				-3.34	9.24
0	Não	23	7.10		
1	Sim	299	92.90		
Qual a duração do relacionamento amoroso.				-1.40	.71
1	Menos de 6 meses	27	8.40		
2	De 6 a 12 meses	25	7.80		
3	De 12 a 24 meses	56	17.40		
4	Mais de 2 anos	191	59.30		
Atualmente encontra-se numa relação amorosa?				-.94	-1.12
0	Não	86	26.70		
1	Sim	213	66.10		
Indique qual a duração do relacionamento amoroso.				-1.27	.26
1	Menos de 6 meses	20	6.20		
2	De 6 a 12 meses	23	7.10		
3	De 12 a 24 meses	37	11.50		
4	Mais de 2 anos	133	41.30		
Já experienciou o fim de uma relação amorosa?				-2.12	2.51
0	Não	41	12.70		
1	Sim	258	80.10		
Quem foi o responsável pelo fim da relação amorosa?				.05	-1.51
0	Eu	90	28.00		
1	Parceiro(a)	85	26.40		
2	Ambos	83	25.80		

Tabela 1 (continuação)*Frequências Sociodemográficas (N = 322)*

Há quanto tempo terminou a sua relação?				-1.17	-.10
1	Menos de 6 meses	28	8.70		
2	De 6 a 12 meses	31	9.60		
3	De 12 a 24 meses	38	11.80		
4	Mais de 2 anos	161	50.00		
Depois desse término já teve outras relações?				1.22	-.51
0	Não	62	19.30		
1	Sim	196	60.90		
Qual a sua orientação sexual?				2.43	5.48
0	Não quero revelar	7	2.20		
1	Heterossexual	283	87.90		
2	Homossexual	5	1.60		
3	Bissexual	27	8.40		

Nota: Min = mínimo; Max = máximo; M = média; DP = desvio-padrão; As = assimetria; Ct = curtose;

A estatística descritiva de todos os itens da *Breakup Distress Scale*, a escala utilizada para medir o *distress* no término da relação, encontra-se na Tabela 2. Através da análise da tabela é possível identificar que o item 8 (“Desde o fim da relação é difícil para mim confiar nas pessoas”) apresenta a média mais elevada e o item 14 (“Sinto inveja daqueles que nunca passaram pelo fim de uma relação”) a média mais baixa. Os valores da assimetria e da curtose, inferiores a 3 e 11, respetivamente, indicam que os dados seguem uma distribuição normal.

Na Tabela 3 encontra-se a estatística descritiva da Escala Unidimensional de Proximidade na Relação. Ao analisar a tabela identifica-se que o item 3 (“Eu e o/a meu/minha parceiro/a partilhamos informações pessoais um/a com o/a outro/a.”) tem a média mais alta e o item 2 (“Quando estamos separados/as, tenho muitas saudades dele/a.”) a média mais baixa. Os dados da amostra, analisando os valores de assimetria e curtose, seguem uma distribuição normal por serem inferiores a 3 e 11, respetivamente.

A Tabela 4 apresenta a estatística descritiva da Escala de Atitudes perante a Infidelidade na Relação. O item 4 (“Trair o/a meu/minha parceiro/a não é algo importante.”) apresenta a média mais alta e o item 1 (“Trair o/a meu/minha parceiro/a é moralmente errado.”) a média mais baixa. Através da análise dos dados, os dados da amostra não seguem uma distribuição normal pelos valores da assimetria e curtose serem superiores a 3 e 11, respetivamente.

Na Tabela 5 encontra-se a análise descritiva dos totais das escalas, sendo que, o valor de alfa de Cronbach de todas as escalas é superior ao ponto de corte 0.70.

Tabela 2*Breakup Distress Scale: Frequência dos itens*

	Modalidades de Resposta				Min	Max	M	DP	As	Ct
	1	2	3	4						
1. Penso tanto nesta pessoa que se torna difícil para mim fazer as coisas que faço normalmente	202 (62.70)	67 (20.80)	24 (7.50)	29 (9.00)	1	4	1.63	.96	1.42	.81
2. Lembrar-me da pessoa incomoda-me	174 (54.00)	52 (16.10)	51 (15.80)	45 (14.00)	1	4	1.90	1.12	.81	-.86
3. Sinto que não consigo aceitar o fim da relação	192 (59.60)	62 (19.30)	36 (11.20)	32 (9.90)	1	4	1.71	1.01	1.17	.05
4. Sinto-me atraído(a) por lugares ou coisas associadas à pessoa	163 (50.60)	68 (21.10)	63 (19.60)	28 (8.70)	1	4	1.86	1.02	.78	-.72
5. Não consigo evitar sentir-me irritado com o fim da relação	167 (51.90)	60 (18.60)	56 (17.40)	39 (12.10)	1	4	1.90	1.08	.78	-.82
6. Sinto que não consigo acreditar no que aconteceu	181 (56.20)	61 (18.90)	49 (15.20)	31 (9.60)	1	4	1.78	1.03	.98	-.39
7. Fiquei sem reação ou sem saber como agir com o fim da relação	131 (40.70)	74 (23.00)	58 (18.00)	59 (18.30)	1	4	2.14	1.14	.47	-1.24
8. Desde o fim da relação é difícil para mim confiar nas pessoas	118 (36.60)	61 (18.90)	71 (22.00)	72 (22.40)	1	4	2.30	1.18	.22	-1.47
9. Desde o fim da relação sinto que perdi a capacidade de me preocupar com os outros ou que me distanciei das pessoas que eram importantes para mim	196 (60.90)	59 (18.30)	45 (14.00)	22 (6.80)	1	4	1.67	.96	1.18	.13
10. Tenho sofrido desde o fim da relação	178 (55.30)	71 (22.00)	45 (14.00)	28 (8.70)	1	4	1.76	.99	1.03	-.19
11. Fujo à minha normalidade para evitar lembrar-me da pessoa	215 (66.80)	52 (16.10)	33 (10.20)	22 (6.80)	1	4	1.57	.93	1.47	.93
12. Sinto que a vida é vazia sem a pessoa	205 (63.70)	60 (18.60)	34 (10.60)	23 (7.10)	1	4	1.61	.94	1.37	.68

Tabela 2 – Continuação*Breakup Distress Scale: Frequência dos itens*

	Modalidades de Resposta				Min	Max	M	DP	As	Ct
	1	2	3	4						
13. Sinto-me amargurado/a com o fim da relação	189 (58.70)	54 (16.80)	43 (13.40)	36 (11.20)	1	4	1.77	1.06	1.04	-.35
14. Sinto inveja daqueles que nunca passaram pelo fim de uma relação	241 (74.80)	31 (9.60)	29 (9.00)	21 (6.50)	1	4	1.47	.91	1.77	1.80
15. Sinto-me só uma grande parte do tempo desde o fim da relação	201 (62.40)	53 (16.50)	38 (11.80)	30 (9.30)	1	4	1.68	1.01	1.23	.13
16. Sinto vontade de chorar quando penso na pessoa.	199 (61.80)	51 (15.80)	41 (12.70)	31 (9.60)	1	4	1.70	1.02	1.17	-.03

Nota. Min= Mínimo; Max = Máximo; M = Média; DP = Desvio Padrão; As = Assimetria; Ct = Curtose

Tabela 3*Escala Unidimensional de Proximidade na Relação: Frequência dos itens*

	Modalidades de Resposta							Min	Max	M	DP	As	Ct
	1	2	3	4	5	6	7						
1. A minha relação com o meu/minha parceiro/a é próxima.	22 (6.80)	8 (2.50)	12 (3.70)	14 (4.30)	38 (11.80)	43 (13.40)	185 (57.50)	1	7	5.82	1.81	-1.56	1.34
2. Quando estamos separados/as. tenho muitas saudades dele/a.	21 (6.50)	14 (4.30)	18 (5.60)	33 (10.20)	65 (20.20)	70 (21.70)	101 (31.40)	1	7	5.24	1.78	-.97	.05
3. Eu e o/a meu/minha parceiro/a partilhamos informações pessoais um/a com o/a outro/a.	17 (5.30)	9 (2.80)	8 (2.50)	19 (5.90)	15 (4.70)	50 (15.50)	204 (63.40)	1	7	6.02	1.71	-1.85	2.32
4. Eu e o/a meu/minha parceiro/a temos uma ligação forte.	18 (5.60)	12 (3.70)	10 (3.10)	20 (6.20)	24 (7.50)	46 (14.30)	192 (59.60)	1	7	5.88	1.79	-1.60	1.39
5. Eu e o/a meu/minha parceiro/a queremos passar tempo juntos.	20 (6.20)	6 (1.90)	14 (4.30)	20 (6.20)	20 (6.20)	56 (17.40)	186 (57.80)	1	7	5.88	1.77	-1.64	1.58
6. Estou seguro/a na relação com o/a meu/minha parceiro/a.	32 (9.90)	14 (4.30)	10 (3.10)	29 (9.00)	31 (9.60)	47 (14.60)	159 (49.40)	1	7	5.45	2.03	-1.14	-.04
7. O/A meu/minha parceiro/a é uma prioridade na minha vida	27 (8.40)	9 (2.80)	20 (6.20)	23 (7.10)	44 (13.70)	75 (23.30)	124 (38.50)	1	7	5.39	1.88	-1.14	.20

Tabela 3 – Continuação*Escala Unidimensional de Proximidade na Relação: Frequência dos itens*

	Modalidades de Resposta							Min	Max	M	DP	As	Ct
	1	2	3	4	5	6	7						
8. Eu e o meu/minha parceiro/a fazemos muitas atividades juntos/as.	28 (8.70)	8 (2.50)	16 (5.00)	28 (8.70)	48 (14.90)	60 (18.60)	134 (41.60)	1	7	5.41	1.90	-1.14	.21
9. Quando tenho tempo livre. escolho passá-lo com o/a meu/minha parceiro/a.	25 (7.80)	11 (3.40)	9 (2.80)	28 (8.70)	53 (16.50)	81 (25.20)	115 (35.70)	1	7	5.41	1.81	-1.22	.56
10. Penso muito sobre o/a meu/minha parceiro/a.	22 (6.80)	4 (1.20)	15 (4.70)	40 (12.40)	67 (20.80)	72 (22.40)	102 (31.70)	1	7	5.33	1.70	-1.09	.58
11. A minha relação com o/a meu/minha parceiro/a é importante na minha vida.	22 (6.80)	4 (1.20)	8 (2.50)	22 (6.80)	24 (7.50)	54 (16.80)	188 (58.40)	1	7	5.91	1.75	-1.73	1.99
12. Tenho em conta o/a meu/minha parceiro/a quando tomo decisões importantes.	25 (7.80)	8 (2.50)	7 (2.20)	25 (7.80)	37 (11.50)	62 (19.30)	158 (49.10)	1	7	5.67	1.83	-1.44	1.03

Nota. Min= Mínimo; Max = Máximo; M = Média; DP = Desvio Padrão; As = Assimetria; Ct = Curtose

Tabela 4*Escala de Atitudes perante a Infidelidade na Relação: Frequência dos itens*

	Modalidades de Resposta					Min	Max	M	DP	As	Ct
	1	2	3	4	5						
1. Trair o/a meu/minha parceiro/a é moralmente errado.	10 (3.10)	2 (0.60)	9 (2.80)	17 (5.30)	284 (88.20)	1	5	4.75	.81	-3.65	13.04
*2. Se a outra pessoa nunca soubesse, eu trairia o/a meu/minha parceiro/a.	7 (2.20)	2 (0.60)	9 (2.80)	9 (2.80)	295 (91.60)	1	5	4.81	.71	-4.21	17.81
3. Ser fiel ao/à meu/minha parceiro/a romântico é importante para mim.	6 (1.90)	2 (0.60)	4 (1.20)	13 (4.00)	297 (92.20)	1	5	4.84	.65	-4.80	23.74
*4. Trair o/a meu/minha parceiro/a não é algo importante.	2 (0.60)	2 (0.60)	4 (1.20)	7 (2.20)	307 (95.30)	1	5	4.91	.47	-6.16	41.13
*5. Trairia o/a meu/minha parceiro/a se tivesse oportunidade	3 (0.90)	3 (0.90)	6 (1.90)	13 (4.00)	297 (92.20)	1	5	4.86	.57	-4.79	24.70

Nota. Min= Mínimo; Max = Máximo; M = Média; DP = Desvio Padrão; As = Assimetria; Ct = Curtose; 1 = Discordo Totalmente; 5 = Concordo Totalmente; *itens revertidos

Tabela 5*Frequências dos Totais*

	M	DP	α atual	α escala original
Breakup Distress Scale (BDS)	1.78	.75	.94	.91
Escala Unidimensional de Proximidade na Relação (EUPR)	5.62	1.62	.98	n/a
Escala de Atitudes perante a Infidelidade na Relação (ATRI)	2.60	.29	.78	.78

Nota. M = média; DP = desvio padrão; α = Alfa de Cronbach; n/a = não aplicável

Tendo como objetivo avaliar o ajustamento da *Breakup Distress Scale* para a amostra, procedeu-se a uma análise fatorial confirmatória (AFC), com recurso ao AMOS, para confirmar o modelo proposto pelos autores. Aquando da análise dos dados, com recurso aos valores estandardizados da regressão dos itens no total, verificou-se que o item 2 apresenta um valor próximo do limite de referência (0.46). Para além disso, o modelo apresenta valores inaceitáveis ($\chi^2/gf = 4.337$; CFI = .898; TLI = .883; IFI = .899; GFI = .843; RMSEA = .102; PCLOSE = .000; SRMR = .050). Mesmo quando estabelecidas correlações entre alguns erros, sugeridas pelos indices de modificação, o modelo não melhorou significativamente. Em seguida, procedeu-se a uma AFE, sem determinação do número de fatores, com o objetivo de avaliar a forma como os itens se organizam sem qualquer constrangimento. A matriz de correlações entre os itens revelou correlações abaixo de .30 nos itens 2, 8 e 14. Além disso o item 2 e o item 14 apresentam comunalidades abaixo de .30 e, em ambos os casos, o valor do alfa de Cronbach no total da escala subiria se estes dois itens (2 e 14) fossem excluídos. Assim, foi decidida a retirada destes dois itens. Foi repetida a análise fatorial, sendo que apenas o item 8 apresenta uma correlação abaixo de .300 com o item 4. Contudo, como nenhum destes dois itens apresentou qualquer outro problema, foram mantidos no modelo. O valor do determinante é de $3.981E^{-5}$; a medida de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) de adequação de amostragem foi de .954; o valor do teste de esfericidade de Bartlett foi de 3196.454, $gl = 91$, $p < .001$; a matriz anti-imagem varia entre .914 e .982; as comunalidades oscilam entre .351 e .754; a variância total explicada é de 59.13% num só fator cujo autovalor é de 8.277 e todos os itens saturam no fator acima de .593.

Realizou-se uma nova AFC para confirmar o modelo encontrado na AFE e encontrou-se um bom modelo de ajustamento depois de estabelecidas várias correlações entre os erros ($\chi^2/gf = 2.159$; CFI = .975; TLI = .967; IFI = .975; GFI = .940; RMSEA = .060; PCLOSE = .104; SRMR = .033; Figura 1). O modelo final é unidimensional com 14 itens, a sua média é

de 1.79 (DP = .78) e o valor de alfa de Cronbach é de .94. Assim, é possível confirmar a H1 “O modelo encontrado apresenta um bom ajustamento da *Breakup Distress Scale* à amostra do estudo.”

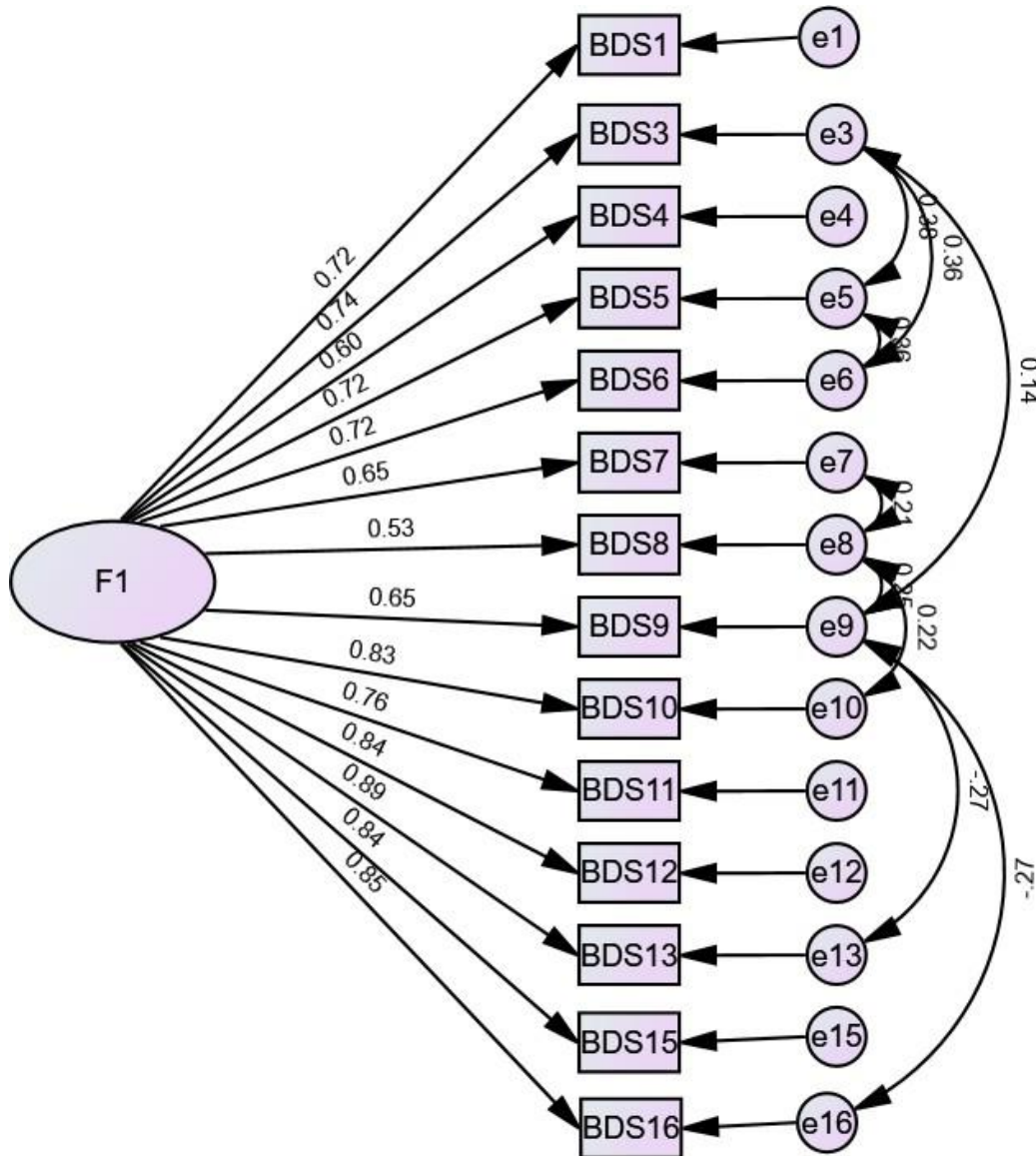


Figura 1. Análise Fatorial Confirmatória da BDS

Com a finalidade de confirmar o modelo da Escala de Atitudes perante a Infidelidade na Relação (*Attitudes Towards Relationship Infidelity Scale – ATRI*) proposto pelo autor DeWall (2011) procedeu-se a uma AFC, cujos indicadores revelaram um bom ajustamento, depois de estabelecida uma correlação entre dois erros ($\chi^2/gf = 3.679$; CFI = .980; TLI = .951; IFI = .981; GFI = .982; RMSEA = .091; PCLOSE = .070; SRMR = .029; Figura 2). Para

confirmar a adequação da amostra para a realização da análise fatorial, recorreu-se ao teste de KMO (KMO = .74) e Bartlett (<.001) cujos valores indicaram que a mostra era adequada para a realização da análise fatorial. O modelo final apresenta apenas uma dimensão (unidimensional) com 5 itens (M=4.83, DP=.48) e o alfa de Cronbach é de .78. Uma vez encontrado um modelo de ajustamento à amostra, é possível confirmar a H2 “O modelo encontrado apresenta um bom ajustamento da *Unidimensional Relationship Closeness Scale* à amostra do estudo.”

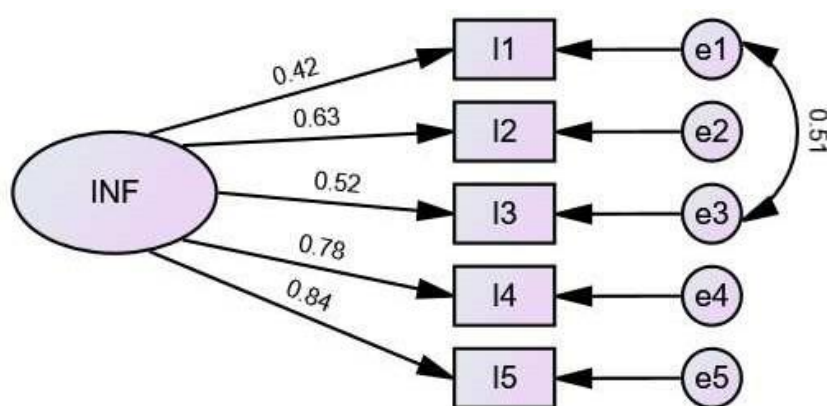


Figura 2. *Análise Fatorial Confirmatória da ATRI*

Para a Escala Unidimensional de Proximidade na Relação dos autores Dibble et al. (2011), de forma a encontrar um modelo que se ajustasse à amostra, foi realizada uma AFC. Denotou-se que, de acordo com o valor do teste KMO (KMO = .96) e Bartlett (<.001), a amostra se adequa para análise fatorial. Contudo, dada a dificuldade em encontrar um bom modelo de ajustamento, foi utilizado um modelo de estimação diferente do *Maximum Likelihood* (o modelo utilizado nas AFC dos outros instrumentos); o modelo de estimação utilizado foi *Diagonally Weighted Least Squares*, tendo sido utilizado o programa de análise estatística JAMOVI versão 4.2, por ser o único que permite utilizar este modelo de estimação. Os indicadores apresentados indicam um bom ajustamento da escala ($\chi^2/gf = 79.650$; CFI = 0.920; TLI = 0.902; IFI = 0.920; GFI = 0.911; RMSEA = 0.015; PCLOSE = 0.324; SRMR = 0.031; Figura 3). O modelo final mantém a escala como unidimensional

($M=5.62$, $DP=1.62$), sendo o alfa de Cronbach total da escala de 0.98. Deste modo, confirma-se a H3 “O modelo encontrado apresenta um bom ajustamento da *Attitudes Towards Relationship Infidelity Scale* à amostra do estudo.”.

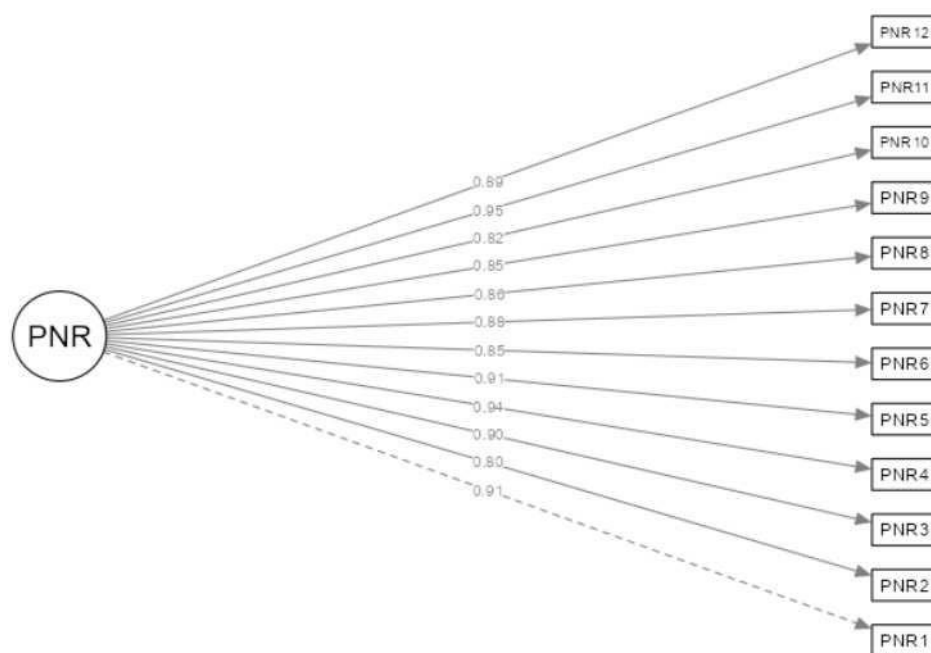


Figura 3. *Análise Fatorial Confirmatória da EUPR*

No que concerne a H4 “Existem diferenças nos valores das escalas em função das variáveis sociodemográficas.”, foram utilizados testes paramétricos (teste t de student e ANOVA) e testes não paramétricos (Mann-Whitney e Kruskal-Wallis respetivamente); sendo que se utilizaram ambos para corroborar os resultados obtidos nos testes paramétricos nos testes não paramétricos, uma vez que em algumas questões as respostas apresentavam diferenças entre si. Assim, salvaguarda-se a validade dos resultados encontrados.

Num primeiro momento, recorrendo ao teste de correlação de Pearson, procurou-se encontrar uma relação entre a idade e escalas, mas esta não se correlacionou com a BDS nem com EUPR. Apresentou uma correlação negativa com ATRI ($r=-0.17$, $p<0.001$). Isto significa que quanto mais velhas forem as pessoas, as atitudes são mais negativas em relação à infidelidade e o contrário também se verifica. Para o sexo, não foram encontradas

diferenças estatisticamente significativas na média de nenhuma escala. O mesmo verifica-se para a escolaridade e orientação sexual. Quanto ao estado civil, recorrendo ao teste de *t student* foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na média da BDS, sendo que pessoas que se encontram atualmente numa relação apresentam uma média inferior ($M=1.66$) do que pessoas que não estejam atualmente numa relação ($M=2.07$). Isto é, o *distress* é superior em pessoas que não estão atualmente numa relação. O contrário sucede na EUPR em que pessoas que não estão numa relação apresentam menor proximidade na relação ($M = 4.30$) do que quem está numa relação ($M=6.23$).

Relativamente à questão “1. Já viveu uma relação amorosa?”, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nos testes paramétricos e não paramétricos para a BDS e para a ATRI (Tabela 6). A EUPR apresentou resultados estatisticamente significativos nos testes paramétricos e não paramétricos (Figura 4), uma vez que as pontuações médias relativas à proximidade na relação são superiores em quem já viveu uma relação amorosa ($M=5.73$) do que em quem não viveu uma relação amorosa ($M=4.10$).

Na Tabela 7 é possível observar que, relativamente à questão “1.1. Qual a duração do relacionamento amoroso?”, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nos testes paramétricos e não paramétricos na BDS e ATRI, o que significa que a duração do relacionamento (menos e mais de dois anos) não tem impacto no *distress* sentido após o término e nas atitudes perante a infidelidade. Contudo, na EUPR foram encontradas diferenças (Figura 5), dado que numa relação com duração superior a 2 anos as relações são consideradas mais próximas ($M= 5.91$) do que as relações com duração inferior a 2 anos ($M=5.42$).

Tabela 6

Valores médios da BDS, EUPR e ATRI em função dos relacionamentos afetivos (1. Já viveu uma relação amorosa?): Testes paramétricos e não paramétricos

	Já viveu uma relação amorosa?	N	M	DP	t	gl	p	d	U	p
BDS	Não	299	1.80	.71	.13	320	.89	.03	3374.50	.88
	Sim	23	1.78	.75						
EUPR	Não	299	4.10	1.92	-3.99	24.20	<.001	-1.05	5366.50	<.001
	Sim	23	5.73	1.53						
ATRI	Não	299	4.82	.47	-.17	320	.87	-.04	3562.50	.67
	Sim	23	4.83	.48						

Nota: BDS = Breakup Distress Scale; EUPR = Escala Unidimensional de Proximidade na Relação; ATRI = Attitudes Toward Relationship Infidelity; N = frequências; M = Média; DP = Desvio Padrão; t = teste t de student; gl = graus de liberdade; p = valor-p; d = d de Cohen; U = Mann-Whitney

Amostras Independentes de Teste U de Mann-Whitney

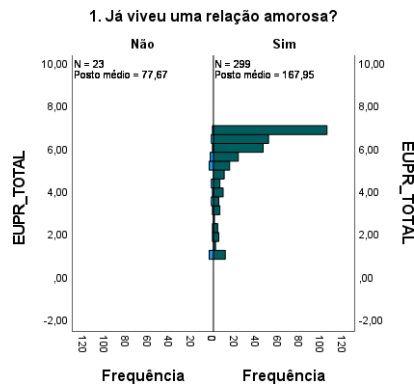


Figura 4. Diferenças na EUPR em função da existência de uma relação amorosa atual ou passada

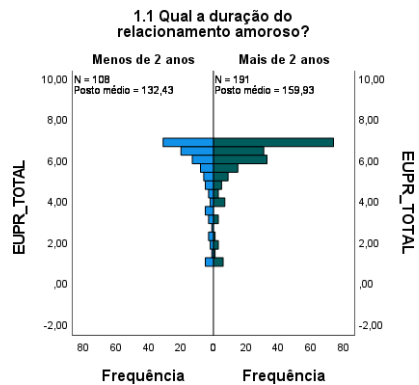
Tabela 7

Valores médios da BDS, EUPR e ATRI em função dos relacionamentos afetivos (1.1. Qual a duração do relacionamento amoroso?): Testes paramétricos e não paramétricos

	Qual a duração do relacionamento amoroso?	N	M	DP	t	gl	p	d	U	p
BDS	Menos de 2 anos	108	1.76	.74	-.31	297	.76	-.04	10321.50	.99
	Mais de 2 anos	191	1.79	.76						
EUPR	Menos de 2 anos	108	5.42	1.70	-2.53	189.11	.01	-.32	12211.50	.01
	Mais de 2 anos	191	5.91	1.40						
ATRI	Menos de 2 anos	108	4.86	.48	.66	297	.51	.08	10281.50	.95
	Mais de 2 anos	191	4.82	.48						

Nota: BDS = Breakup Distress Scale; EUPR = Escala Unidimensional de Proximidade na Relação; ATRI = Attitudes Toward Relationship Infidelity; N = frequências; M = Média; DP = Desvio Padrão; t = teste t de student; gl = graus de liberdade; p = valor-p; d = d de Cohen; U = Mann-Whitney

Amostras Independentes de Teste U de Mann-Whitney

**Figura 5.** Diferenças na EUPR em função da duração do relacionamento amoroso

No que diz respeito à questão “2. Atualmente encontra-se numa relação amorosa?”, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na ATRI nos testes paramétricos e não paramétricos (Tabela 8). Contudo, na BDS encontraram-se diferenças estatisticamente significativas nos testes paramétricos e não paramétricos (Figura 6). As médias de resposta ao *distress* foram mais elevadas nos participantes que não estão atualmente numa relação ($M=2.07$), do que naqueles que estão ($M=1.66$). No que concerne a EUPR foi possível verificar pontuações mais elevadas em pessoas que se encontram atualmente numa relação amorosa ($M=6.30$) do que as que não se encontram atualmente numa relação ($M=4.34$), comprovado pelo teste não paramétrico de Mann-Whitney (Figura 7).

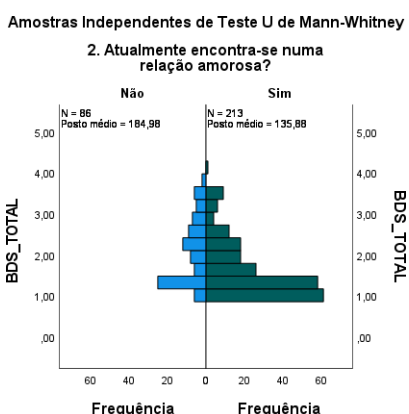


Figura 6. Diferenças na BDS em função da relação romântica atual

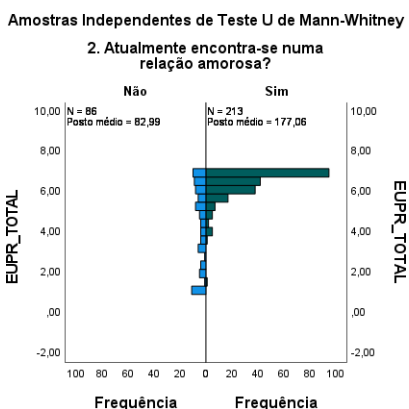


Figura 7. Diferenças na EUPR em função da relação romântica atual

Tabela 8

Valores médios da BDS, EUPR e ATRI em função dos relacionamentos afetivos (2. Atualmente encontra-se numa relação amorosa?): Testes paramétricos e não paramétricos

	Atualmente encontra-se numa relação amorosa?	<i>N</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>t</i>	<i>gl</i>	<i>p</i>	<i>d</i>	<i>U</i>	<i>p</i>
BDS	Não	86	2.07	.79	4.13	297	<.001	.55	6151	<.001
	Sim	213	1.66	.70						
EUPR	Não	86	4.34	1.99	-8.84	297	<.001	-1.56	14922	.00
	Sim	213	6.30	.78						
ATRI	Não	86	4.89	.32	1.56	297	.20	.16	8739.50	.36
	Sim	213	4.81	.53						

Nota: BDS = Breakup Distress Scale; EUPR = Escala Unidimensional de Proximidade na Relação; ATRI = Attitudes Toward Relationship Infidelity; N = frequências; M = Média; DP = Desvio Padrão; t = teste t de student; gl = graus de liberdade; p = valor-p; d = d de Cohen; U = Mann-Whitney

Através da Tabela 9 é possível observar que os resultados dos testes paramétricos e não paramétricos para a questão “2.1. *Duração do relacionamento amoroso atual?*” não revelam diferenças estatisticamente significativas para nenhuma escala. Portanto, não existem diferenças nos níveis de *distress* pós término da relação, na proximidade na relação e nas atitudes perante a infidelidade tendo em conta a duração do relacionamento que a pessoa tem no momento atual.

Para a questão “3. Já experienciou o fim de uma relação amorosa?”, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na ATRI (Tabela 10). Com recurso aos testes paramétricos e não paramétricos, a BDS apresenta diferenças significativas entre quem já experienciou o fim de uma relação e quem nunca o sentiu (Figura 8). Isto é, pessoas que já viveram o fim de uma relação apresentam maior *distress* após o término ($M=1.81$) do que pessoas que nunca tiveram um término ($M=1.59$). O mesmo sucede na EUPR (Figura 9), sendo que os participantes que já experienciaram o fim de uma relação apresentam relações menos próximas ($M=5.64$) do que os participantes que nunca tiveram um término ($M=6.30$).

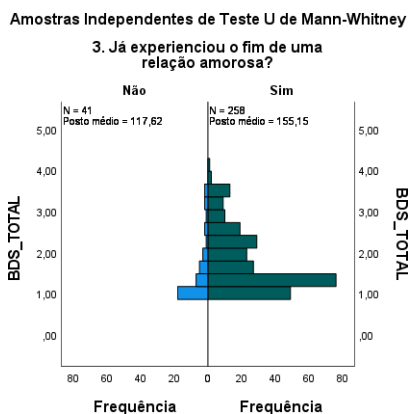


Figura 8. Diferenças na BDS em função de ter experienciado o fim de uma relação amorosa

Amostras Independentes de Teste U de Mann-Whitney

3. Já experienciou o fim de uma relação amorosa?

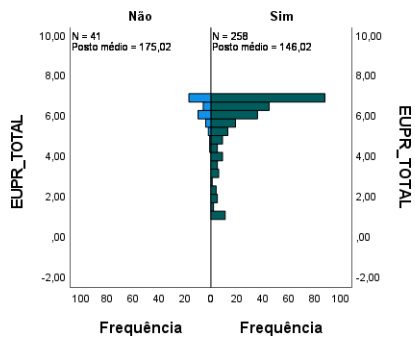


Figura 9. Diferenças na EUPR em função de ter experienciado o fim de uma relação amorosa

Tabela 9

Valores médios da BDS, EUPR e ATRI em função dos relacionamentos afetivos (2.1. Duração do relacionamento amoroso atual): Testes paramétricos e não paramétricos

Duração do relacionamento amoroso atual		<i>N</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>t</i>	<i>gl</i>	<i>p</i>	<i>d</i>	<i>U</i>	<i>p</i>
BDS	Menos de 2 anos	80	1.68	.73	.32	159.91	.75	.05	5026.50	.50
	Mais de 2 anos	133	1.65	.69						
EUPR	Menos de 2 anos	80	6.25	.95	-.63	123.77	.53	-.10	5215.50	.81
	Mais de 2 anos	133	6.32	.65						
ATRI	Menos de 2 anos	80	4.83	.57	.27	151.10	.79	.04	5075.00	.41
	Mais de 2 anos	133	4.80	.50						

Nota: BDS = Breakup Distress Scale; EUPR = Escala Unidimensional de Proximidade na Relação; ATRI = Attitudes Toward Relationship Infidelity; N = frequências; M = Média; DP = Desvio Padrão; t = teste t de student; gl = graus de liberdade; p = valor-p; d = d de Cohen; U = Mann-Whitney

Tabela 10

Valores médios da BDS, EUPR e ATRI em função dos relacionamentos afetivos (3. Já experienciou o fim de uma relação amorosa?): Testes paramétricos e não paramétricos

Já experienciou o fim de uma relação amorosa?		<i>N</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>T</i>	<i>gl</i>	<i>p</i>	<i>d</i>	<i>U</i>	<i>p</i>
BDS	Não	41	1.59	.76	-1.70	297	.10	-.29	6616.50	.01
	Sim	258	1.81	.75						
EUPR	Não	41	6.30	.66	4.61	133.87	<.001	.44	4263	.05
	Sim	258	5.64	1.61						
ATRI	Não	41	4.86	.39	.34	297	.73	.06	5226.50	.86
	Sim	258	4.83	.49						

Nota: BDS = Breakup Distress Scale; EUPR = Escala Unidimensional de Proximidade na Relação; ATRI = Attitudes Toward Relationship Infidelity; N = frequências; M = Média; DP = Desvio Padrão; t = teste t de student; gl = graus de liberdade; p = valor-p; d = d de Cohen; U = Mann-Whitney

Para a questão “3.1. Quem foi o responsável pelo fim da relação?” é possível encontrar os resultados dos testes paramétricos e não paramétricos na Tabela 11. Com o recurso ao teste ANOVA (teste paramétrico) e ao Kruskal Wallis (Figura 10), foram encontradas diferenças na pontuação média da BDS consoante a pessoa responsável por esse término, sendo as pontuações médias mais elevadas quando foram ambos a terminar a relação ($M=2$) e as mais baixas quando foi o/a próprio/a a terminar ($M=1.56$). Para a EUPR e a ATRI, não foram encontradas diferenças através dos testes paramétricos e não paramétricos.

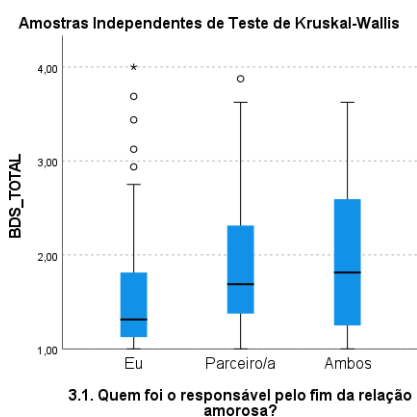


Figura 10. Diferenças na BDS em função de quem foi o responsável

Tabela 11

Valores médios da BDS, EUPR e ATRI em função dos relacionamentos afetivos (3.1. Quem foi o responsável pelo fim da relação?): Testes paramétricos e não paramétricos

	Quem foi o responsável pelo fim da relação?	<i>N</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>F</i>	<i>gl</i>	<i>p</i>	η	<i>H</i>	<i>p</i>
BDS	Eu	90	1.56	.65	9.22	2	<.001	.25	20.56	<.001
	Parceiro/a	85	1.89	.70						
	Ambos	83	2.00	.82						
EUPR	Eu	90	5.57	1.69	4.12	2	.45	.08	.71	.70
	Parceiro/a	85	5.54	1.69						
	Ambos	83	5.82	1.43						
ATRI	Eu	90	4.82	.57	.06	2	.88	.03	.13	.94
	Parceiro/a	85	4.82	.46						
	Ambos	83	4.85	.45						

Nota: BDS = Breakup Distress Scale; EUPR = Escala Unidimensional de Proximidade na Relação; ATRI = Attitudes Toward Relationship Infidelity; *N* = frequências; *M* = Média; *DP* = Desvio Padrão; *F* = ANOVA; *gl* = graus de liberdade; *p* = valor-*p*; η = efeito da amostra Eta; *H* = Kruskal-Wallis

Relativamente à questão “3.2. Há quanto tempo terminou a sua relação?”, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na ATRI, recorrendo aos testes paramétricos e não paramétricos (Tabela 12). Contudo, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na BDS nos testes paramétricos e não paramétricos (Figura 11), sendo que existe uma diferença na média da escala quando as pessoas terminaram a relação há menos de 2 anos ($M=1.08$) e quando terminaram há mais de 2 anos ($M=1.64$). Isto significa que o *distress* do término de uma relação é superior em relações que terminaram há menos de 2 anos. Relacionado com a EUPR, relações que terminaram há menos de dois anos são consideradas menos próximas ($M=5.27$) do que relações que terminaram há mais de 2 anos ($M=5.86$), tendo sido comprovado por testes paramétricos e não paramétricos (Figura 12).

A Tabela 13 apresenta os testes paramétricos e não paramétricos para a questão “3.3. Depois desse término já teve outras relações?”. Através dos testes paramétricos foram encontradas diferenças estatisticamente significativas em todas as escalas. Isto é, pessoas que não tiveram relações posteriormente ao término apresentam mais sintomas de *distress* no término ($M=2.11$) do que pessoas que já tiveram uma relação posteriormente ($M=1.71$), verificável pela Figura 13. O contrário sucede na EUPR (Figura 14), sendo que a média da escala é superior em pessoas que tiveram uma relação posteriormente ($M=5.95$) do que em pessoas que não voltaram a ter uma relação ($M=4.66$). Para a ATRI foi possível encontrar diferenças, sendo que pessoas que não tiveram uma relação após o término da relação anterior apresentavam atitudes mais negativas perante a infidelidade ($M=4.92$) do que pessoas que tiveram uma relação posteriormente. Estes resultados são comprovados pelo teste paramétrico de *t student*.

Amostras Independentes de Teste U de Mann-Whitney

3.2. Há quanto tempo terminou a sua relação?

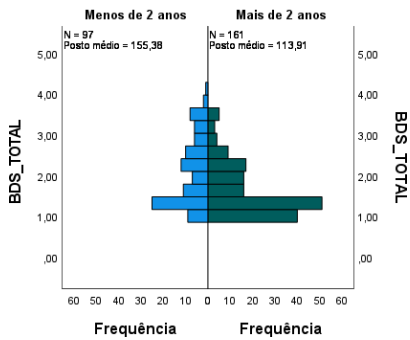


Figura 11. Diferenças na BDS em função do tempo desde o fim da relação

Amostras Independentes de Teste U de Mann-Whitney

3.2. Há quanto tempo terminou a sua relação?

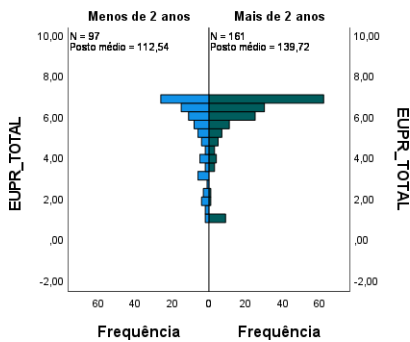


Figura 12. Diferenças na EUPR em função do tempo desde o fim da relação

Amostras Independentes de Teste U de Mann-Whitney

3.3. Depois desse término já teve outras relações?

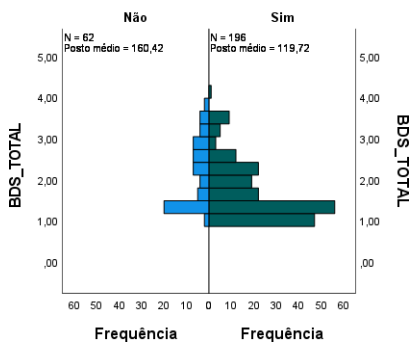


Figura 13. Diferenças na BDS em função de ter outras relações após o término da anterior

Amostras Independentes de Teste U de Mann-Whitney
3.2. Há quanto tempo terminou a sua relação?

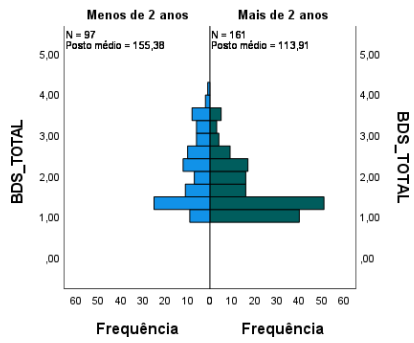


Figura 14. Diferenças na EUPR em função de ter outras relações após o término da anterior

Tabela 12

Valores médios da BDS, EUPR e ATRI em função dos relacionamentos afetivos (3.2. Há quanto tempo terminou a sua relação?): Testes paramétricos e não paramétricos

Há quanto tempo terminou a sua relação?		<i>N</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>t</i>	<i>gl</i>	<i>p</i>	<i>d</i>	<i>U</i>	<i>p</i>
BDS	Menos de 2 anos	97	2.08	.83	4.42	165.32	<.001	.60	5298.00	<.001
	Mais de 2 anos	161	1.64	.64						
EUPR	Menos de 2 anos	97	5.27	1.72	-2.79	180.85	.01	-.37	9454	.01
	Mais de 2 anos	161	5.86	1.50						
ATRI	Menos de 2 anos	97	4.85	.52	.56	256	.57	.07	7233	.14
	Mais de 2 anos	161	4.82	.48						

Nota: BDS = Breakup Distress Scale; EUPR = Escala Unidimensional de Proximidade na Relação; ATRI = Attitudes Toward Relationship Infidelity; N = frequências; M = Média; DP = Desvio Padrão; t = teste t de student; gl = graus de liberdade; p = valor-p; d = d de Cohen; U = Mann-Whitney

Tabela 13

Valores médios da BDS, EUPR e ATRI em função dos relacionamentos afetivos (3.3. Depois desse término já teve outras relações?): Testes paramétricos e não paramétricos

	Depois desse término já teve outras relações?	<i>N</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>t</i>	<i>gl</i>	<i>p</i>	<i>d</i>	<i>U</i>	<i>p</i>
BDS	Não	62	2.11	.81	3.53	91.72	<.001	.55	4159	<.001
	Sim	196	1.71	.70						
EUPR	Não	62	4.66	1.98	-4.83	79.29	<.001	-.86	8664	<.001
	Sim	196	5.95	1.34						
ATRI	Não	62	4.92	.27	2.17	211.65	.02	.23	5720	.30
	Sim	196	4.80	.54						

Nota: BDS = Breakup Distress Scale; EUPR = Escala Unidimensional de Proximidade na Relação; ATRI = Attitudes Toward Relationship Infidelity; N = frequências; M = Média; DP = Desvio Padrão; t = teste t de student; gl = graus de liberdade; p = valor-p; d = d de Cohen; U = Mann-Whitney

A H4 não se confirma no que concerne às diferenças entre a ATRI e as variáveis sociodemográficas, exceto quando relacionada com a idade e “Depois desse término já teve outras relações?” (Tabela 13). Para a BDS, a H4 confirma-se nas diferenças encontradas no estado civil e para as questões: “Atualmente encontra-se numa relação amorosa?” (Tabela 8), “Já experienciou o fim de uma relação amorosa?” (Tabela 10), “Quem foi o responsável pelo fim da relação?” (Tabela 11), “Há quanto tempo terminou a sua relação?” (Tabela 12) e, por fim, para a questão “Depois desse término, já teve outras relações?” (Tabela 13). A EUPR comprova a H4 nas diferenças no estado civil e na resposta às questões: “Já viveu uma relação amorosa?” (Tabela 6), “Qual a duração do relacionamento amoroso” (Tabela 7), “Atualmente encontra-se numa relação amorosa?” (Tabela 8), “Já experienciou o fim de uma relação amorosa?” (Tabela 10), “Há quanto tempo terminou a sua relação?” (Tabela 12) e “Depois desse término, já teve outras relações?” (Tabela 13).

Para testar a H5 “Existe uma associação entre o *distress* sentido após o término da relação, a proximidade da relação e a infidelidade.” utilizou-se o teste de correlação de Pearson em que se obtiveram os seguintes resultados: BDS correlaciona-se moderada e negativamente com a ATRI ($r = -0.11, p < 0.5$). Portanto, quando maior for o *distress* no final da relação, maior o valor das atitudes face à infidelidade. Relativamente à BDS com a EUPR, estas não se relacionam. As escalas ATRI e EUPR têm uma correlação baixa e positiva ($r = .21, p < 0.001$). Isto significa que quanto mais elevado for o valor das atitudes perante a infidelidade, a relação é entendida como mais próxima.

A H6 “A proximidade na relação e a infidelidade predizem o *distress* sentido após o término da relação.” foi testada utilizando o método de regressão linear. Contudo, o modelo encontrado não é significativo, não explicando a variância das respostas; pelo que, a H6 não foi possível confirmar.

Discussão

O objetivo principal deste estudo era perceber a relação entre o *distress* no término da relação, a proximidade na relação e as atitudes perante a infidelidade. Para tal, procedeu-se à adaptação de três questionários, um para cada variável, tendo-se encontrados modelos que se ajustaram à amostra.

O *distress* após o término da relação foi avaliado recorrendo à BDS. A escala original (Field et al., 2009) tinha um total de 16 itens, mas o modelo encontrado para a amostra deste estudo não apresenta os itens 2 “Lembrar-me da pessoa incomoda-me” e 14 “Sinto inveja daqueles que nunca passaram pelo fim de uma relação” para que esta se adequasse à amostra. Assim, foi possível que a confiabilidade interna da escala fosse assegurada e melhorada, em comparação com a escala original. A validade externa (relação com outras variáveis), foi comprovada em relação com a ATRI, dado que a EUPR e a BDS não apresentaram relação.

O término de uma relação é dos eventos mais stressantes que uma pessoa pode viver (Randelović & Goljović, 2020). Contudo, o término de uma relação não gera obrigatoriamente *distress*. Assim, tal como comprovado neste estudo e verificado por Field (2017, 2020), a existência de relação amorosa não é condição suficiente para o surgimento de *distress*. No entanto, a existência de um término é um fator de risco, juntamente com outros fatores, para a existência de *distress*, o que sustenta o resultado encontrado em que o fim de uma relação amorosa gera maior *distress* em pessoas que já tiveram um término do que em pessoas que nunca o experienciaram. Apesar de para a existência de relação amorosa no decurso do tempo não terem sido encontradas diferenças nos valores do *distress*, nas pessoas que atualmente não se encontram numa relação, os níveis de *distress* após o término são superiores do que naquelas que atualmente se encontram numa relação. Estes resultados são sustentados por Field (2020), uma vez que este descreve como fator protetor para o não surgimento de *distress* após o término a iniciação de outra relação. Relativamente ao que foi

encontrado acerca dos níveis de *distress* após o término da relação, este é superior se a relação tiver terminado há menos de dois anos e é menor dois anos após o término, tal como corroborado pela literatura, uma vez que os sintomas de *distress* após o término vão diminuindo ao longo do tempo (Dailey et al., 2024; Field et al., 2009). No que concerne à pessoa que terminou a relação, segundo Field (2020), ter sido a outra pessoa a terminar a relação gera maior *distress*, contudo, neste estudo ambos terem a iniciativa de terminar gerou maior *distress* que ser o parceiro/a responsável pelo fim da relação. Por fim, a duração da relação, seja esta atual ou do passado não influencia os resultados da BDS. A literatura não apresenta informação sobre o impacto que a duração da relação poderá ter no término da mesma.

No que concerne as atitudes perante a infidelidade, a ATRI apresentou um bom modelo de ajustamento à amostra do estudo, sendo que este não difere do modelo original, mantendo-se os valores de confiabilidade interna do instrumento. Para a validade externa do instrumento, isto é, a relação que a escala poderá ter com outras variáveis, verificou-se que esta se correlaciona também com a proximidade na relação (EUPR). Relativamente à relação entre a ATRI e as variáveis sociodemográficas, os resultados apontam para que à medida que a idade aumenta, tendencialmente as pessoas apresentam atitudes mais negativas perante a infidelidade. Este resultado não é consensual na literatura, sendo esta também escassa neste tema. Alguns autores indicam que pessoas mais novas apresentam atitudes menos positivas relativamente à infidelidade (e.g. Bozoyan & Schmiedeberg, 2023; Silva et al., 2017), mas o contrário também se verifica, isto é, as pessoas mais velhas apresentam atitudes mais positivas perante a infidelidade (e.g. Apostolou & Demosthenous, 2020; Sizemore & Olmstead, 2017). Para além da idade, as atitudes perante a infidelidade demonstraram-se menores em pessoas que não tiveram uma relação após o término do que em pessoas que tiveram uma relação posteriormente. Contudo, a literatura não é muito específica sobre esta

situação. Apesar disso, a literatura apresenta que a experiência da infidelidade não foi necessariamente negativa, uma vez que permitiu que as pessoas se descobrissem para além da relação em que se encontravam (Fife et al., 2022).

O tipo de relação (de amizade, romântica/amorosa ou familiar) não detém um nível de proximidade obrigatório. Contudo, depreende-se que na relação amorosa exista um nível de interdependência superior ao presente noutras relações (Campbell & Stanton, 2019), dado a pessoa ficar mais centrada na relação e perder uma parte do “eu” para dar espaço ao “nós” (Damásio, 2023). Assim, as relações são mais próximas em casos de uma relação amorosa seja ela atual ou no passado, tal como encontrado neste estudo. Relativamente à duração da relação atual ou passada, a literatura defende que relações mais próximas, tendencialmente duram mais tempo e vice-versa (Branand et al., 2019; Træen & Kvalem, 2023).

No que concerne às limitações, salienta-se o facto de o questionário ter sido preenchido *online* através do *Google Forms* e a extensão do mesmo. Uma vez que não temos como conhecer as condições, sejam elas físicas e/ou emocionais, em que a pessoa estava a preencher o questionário, os resultados obtidos podem estar enviesados. A extensão de todo o inquérito poderá, também, ser um fator que fragilize a fidelidade dos resultados. Para além disso, aponta-se a falta de representatividade, o tamanho da amostra e a falta de homogeneidade nos grupos alvo de comparação (pessoas com e sem relação, pessoas que já viveram e não viveram um término, entre outras), o que não permite a generalização dos resultados para a população portuguesa, estando apenas circunscrito para a amostra deste estudo. Para além do mais, verifica-se que a maior parte da investigação desenvolvida sobre estes temas é internacional, ou seja, as características da população em estudo e a da literatura não são compatíveis. Tendo em conta as limitações encontradas, seria importante no futuro que fossem realizados mais estudos que relacionem as variáveis em estudo juntamente com as

variáveis sociodemográficas para que se possam entender estes fenómenos de forma mais aprofundada na população portuguesa.

Conclusão

Neste estudo foram estabelecidas hipóteses que tencionavam adaptar para a amostra deste estudo questionários para cada variável em estudo e descobrir as relações entre elas. No entanto, algumas destas relações não foram possíveis de ser verificadas, dado a inexistência de algumas relações significativas entre as escalas e questões do questionário sociodemográfico. Contudo, ressalta-se que os estudos utilizados para a comparação dos resultados não são estudos com amostras da população portuguesa, isto é, as amostras da literatura existente não têm as mesmas características que a população-alvo deste estudo.

Referências

- Apostolou, M., & Demosthenous, A. (2021). Why People Forgive Their Intimate Partners' Infidelity: a Taxonomy of Reasons. *Adaptive Human Behavior and Physiology*, 7(1). <https://doi.org/10.1007/s40750-020-00153-1>
- Aron. A., & Fraley. B. (1999). Relationship closeness as including other in the self: Cognitive underpinnings and measures. *Social Cognition*. 17(2). <https://doi.org/10.1521/soco.1999.17.2.140>
- Aron. A., Aron. E. N., Tudor. M., & Nelson. G. (1991). Close Relationships as Including Other in the Self. *Journal of Personality and Social Psychology*. 60(2). <https://doi.org/10.1037/0022-3514.60.2.241>
- Barzeva, S. A., Richards, J. S., Meeus, W. H. J., & Oldehinkel, A. J. (2021). Social Withdrawal and Romantic Relationships: A Longitudinal Study in Early Adulthood. *Journal of Youth and Adolescence*, 50(9). <https://doi.org/10.1007/s10964-021-01469-1>
- Blow. A. J., & Hartnett. K. (2005). Infidelity in Comitted Relationships II: A Substantive Review. *Journal of Marital and Family*. 31(2).
- Bozoyan, C., & Schmiedeberg, C. (2023). What is Infidelity? A Vignette Study on Norms and Attitudes toward Infidelity. *Journal of Sex Research*, 60(8). <https://doi.org/10.1080/00224499.2022.2104194>
- Branand. B., Mashek. D., & Aron. A. (2019). Pair-bonding as inclusion of other in the self: A literature review. *Frontiers in Psychology*. 10(OCT). <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.02399>
- Branson. V., Palmer. E., Dry. M. J., & Turnbull. D. (2019). A holistic understanding of the effect of stress on adolescent well-being: A conditional process analysis. *Stress and Health*. 35(5). <https://doi.org/10.1002/smi.2896>

- Bravo, V., Connolly, J., & McIsaac, C. (2017). Why Did It End? Breakup Reasons of Youth of Different Gender, Dating Stages, and Ages. *Emerging Adulthood*, 5(4).
<https://doi.org/10.1177/2167696817700261>
- Brislin, R. W. (1980). Cross-cultural research methods: Strategies, problems, applications. *Environment and culture*, 47-82.
- Campbell, L., & Stanton, S. C. (2019). Adult attachment and trust in romantic relationships. In *Current Opinion in Psychology* (Vol. 25).
<https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2018.08.004>
- Carter, K. R., Knox, D., & Hall, S. S. (2018). Romantic Breakup: Difficult Loss for Some but Not for Others. *Journal of Loss and Trauma*, 23(8), 698–714.
<https://doi.org/10.1080/15325024.2018.1502523>
- Cohen, S., & Wills, T. A. (1985). Stress, Social Support, and the Buffering Hypothesis. In *Psychological Bulletin* (Vol. 98, Issue 2). <https://doi.org/10.1037/0033-2909.98.2.310>
- Costello, A. B., & Osborne, J. (2005). Best practices in exploratory factor analysis: Four recommendations for getting the most from your analysis. *Practical assessment, research, and evaluation*, 10(1), 7.
- Dailey, R. M., Zhong, L., Varga, S., Zhang, Z., & Kearns, K. (2024). Explicating a comprehensive model of post-dissolution distress. *Journal of Social and Personal Relationships*, 41(4). <https://doi.org/10.1177/02654075231207588>
- Díaz-Navarro, R. (2021). Takotsubo syndrome: the broken-heart syndrome. *British Journal of Cardiology*. <https://doi.org/10.5837/bjc.2021.011>
- Dibble, J. L., Levine, T. R., & Park, H. S. (2012). The unidimensional relationship closeness scale (URCS): Reliability and validity evidence for a new measure of relationship closeness. *Psychological Assessment*, 24(3). <https://doi.org/10.1037/a0026265>

- Fernandes, F., & Montera, M. W. (2020). Síndrome de Takotsubo: Uma Doença Recorrente? *Arquivos Brasileiros de Cardiologia*. <https://doi.org/10.36660/abc.20200080>
- Field, T. (2017). Romantic Breakup Distress. Betrayal and Heartbreak: A Review. *International Journal of Behavioral Research & Psychology*. 5(2). 217–225.
- Field, T. (2020). Romantic breakup distress in university students: A narrative review. *International Journal of Psychological Research and Reviews*. 3(30). 1–20.
- Fife, S. T., Theobald, A. C., Gossner, J. D., Yakum, B. N. & White, K. L. (2022). Individual healing from infidelity and breakup for emerging adults: a grounded theory. *Journal of Social and Personal Relationships*. 39(6).
<https://doi.org/10.1177/02654075211067441>
- Fife, S. T., Weeks, G. R., & Gambescia, N. (2008). Treating Infidelity: An Integrative Approach. *The Family Journal*. 16(4). <https://doi.org/10.1177/1066480708323205>
- Geng, Y., Zhan, T., Zhang, Y., Shi, L., Yu, J., & Jin, W. (2022). Why don't you tell me? The mediating role of self-concealment in the relationship between Machiavellianism and break-up distress. *Current Psychology*. <https://doi.org/10.1007/s12144-022-02911-8>
- Gossner, J. D., Fife, S. T., & Butler, M. H. (2022). Couple healing from infidelity: a deductive qualitative analysis study. *Sexual and Relationship Therapy*.
<https://doi.org/10.1080/14681994.2022.2086231>
- Gregoire, J. (2018). ITC guidelines for translating and adapting tests. *International Journal of Testing*. 18(2). 101-134.
- Grøntvedt, T. V., Grøntvedt, T. V., Kennair, L. E. O., & Bendixen, M. (2020). Breakup Likelihood following Hypothetical Sexual or Emotional Infidelity: Perceived Threat, Blame, and Forgiveness. *Journal of Relationships Research*.
<https://doi.org/10.1017/jrr.2020.5>

Hair. J. F., Black. W. C., Babin. B. J., & Anderson. R. E. (2010). *Multivariate Data Analysis*. In *Vectors* (7th ed.). Pearson Prentice Hall.

Hair. J. F., Gabriel. M., & Patel. V. (2014). AMOS covariance-based structural equation modeling (CB-SEM): Guidelines on its application as a marketing research tool. *Brazilian Journal of Marketing*. 13(2).

Haseli. A., Shariati. M., Nazari. A. M., Keramat. A., & Emamian. M. H. (2019). Infidelity and Its Associated Factors: A Systematic Review. In *Journal of Sexual Medicine* (Vol. 16. Issue 8).

Hu. L. T., & Bentler. P. M. (1999). Cutoff criteria for fit indexes in covariance structure analysis: Conventional criteria versus new alternatives. *Structural equation modeling: a multidisciplinary journal*. 6(1). 1-55.

Instituto Nacional de Estatística (2021). CENSOS 2021.

https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=censos21_main&xpid=CENSOS21&xlang=pt

Kaplánová. A., & Gregor. A. (2019). Guilt- And Shame-proneness and their relation to perceptions of dating infidelity. *Studia Psychologica*. 61(3).

<https://doi.org/10.21909/sp.2019.03.779>

Krause. A., & David Smith. J. (2022). The interconnected school context: Meta-analyses of the associations between peer aggression involvement and teacher-student relationship closeness. *School Psychology International*.

<https://doi.org/10.1177/01430343221138038>

Monroe. S. M., Rohde. P., Seeley. J. R., & Lewinsohn. P. M. (1999). Life events and depression in adolescence: Relationship loss as a prospective risk factor for first onset of major depressive disorder. *Journal of Abnormal Psychology*. 108(4).

<https://doi.org/10.1037/0021-843X.108.4.606>

- Nafisa, H., & Ratnasari, Y. (2022). Prediction of Attitudes Towards Infidelity among Married Individuals Based on Marital Satisfaction and Grateful Disposition. *Proceedings of the 3rd Tarumanagara International Conference on the Applications of Social Sciences and Humanities (TICASH 2021)*. 655.
- Nelson, L. J., & Millett, M. A. (2021). Social Withdrawal During Emerging Adulthood. In *The Handbook of Solitude*. <https://doi.org/10.1002/9781119576457.ch11>
- Nelson, L. J., Jorgensen, N. A., & Clifford, B. N. (2021). Shy and still struggling: Examining the relations between subtypes of social withdrawal and well-being in the 30s. *Social Development*, 30(2). <https://doi.org/10.1111/sode.12486>
- Nikitin, J., & Freund, A. M. (2021). Does focusing on others enhance subjective well-being? The role of age, motivation, and relationship closeness. *Psychology and Aging*, 36(1).
- Nóbrega, S., & Brito, D. (2012). Miocardiopatia Takotsubo: estado da arte. *Revista Portuguesa de Cardiologia*, 31(9). <https://doi.org/10.1016/j.repc.2012.02.014>
- Prigerson, H. G., Maciejewski, P. K., Reynolds, C. F., Bierhals, A. J., Newsom, J. T., Fasiczka, A., Frank, E., Doman, J., & Miller, M. (1995). Inventory of complicated grief: A scale to measure maladaptive symptoms of loss. *Psychiatry Research*, 59(1–2). [https://doi.org/10.1016/0165-1781\(95\)02757-2](https://doi.org/10.1016/0165-1781(95)02757-2)
- Raley, R. K., Crissey, S., & Muller, C. (2007). Of sex and romance: Late adolescent relationships and young adult union formation. *Journal of Marriage and Family*, 69(5). <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2007.00442.x>
- Randelović, K., & Goljović, N. (2020). Breakup grief: The difference between initiator and non-initiator depending on coping strategies and attachment. *Зборник Радова Филозофског Факултета у Приштини*, 50(3).

- Reimer, J. E., & Estrada, A. R. (2021). College Students' Grief Over a Breakup. *Journal of Loss and Trauma*, 26(2).
- Rokach, A., & Chan, S. H. (2023). Love and Infidelity: Causes and Consequences. In *International Journal of Environmental Research and Public Health* (Vol. 20, Issue 5).
- Selye, H. (1975). Confusion and controversy in the stress field. *Journal of human stress*, 1(2), 37-44.
- Silva, A., Saraiva, M., Albuquerque, P. B., & Arantes, J. (2017). Relationship quality influences attitudes toward and perceptions of infidelity. *Personal Relationships*, 24(4), 718-728.
- Silva, A., Saraiva, M., Albuquerque, P. B., & Arantes, J. (2017). Relationship quality influences attitudes toward and perceptions of infidelity. *Personal Relationships*, 24(4).
- Simpson, J. A. (2007). Psychological foundations of trust. *Current Directions in Psychological Science*, 16(5). <https://doi.org/10.1111/j.1467-8721.2007.00517.x>
- Singh, K., Carson, K., Usmani, Z., Sawhney, G., Shah, R., & Horowitz, J. (2014). Systematic review and meta-analysis of incidence and correlates of recurrence of takotsubo cardiomyopathy. *International Journal of Cardiology*, 174(3). <https://doi.org/10.1016/j.ijcard.2014.04.221>
- Sizemore, K. M., & Olmstead, S. B. (2017). Willingness to Engage in Consensual Nonmonogamy Among Emerging Adults: A Structural Equation Analysis of Sexual Identity, Casual Sex Attitudes, and Gender. *Journal of Sex Research*, 54(9). <https://doi.org/10.1080/00224499.2016.1243200>
- Træen, B., & Kvalem, I. L. (2022). The Longer it is, the Closer One Feels: Perception of Emotional Closeness to the Partner, Relationship Duration, Sexual Activity, and

Satisfaction in Married and Cohabiting Persons in Norway. *Sexuality and Culture*.

<https://doi.org/10.1007/s12119-022-10037-z>

Tran, K., Castiglioni, L., Walper, S., & Lux, U. (2023). Resolving relationship dissolution—
What predicts emotional adjustment after breakup? *Family Process*.

<https://doi.org/10.1111/famp.12914>

Uğurlar, P., Sümer, N., & Posten, A. C. (2021). The cognitive cost of closeness: Interpersonal
closeness reduces accuracy and slows down decision-making. *European Journal of
Social Psychology*. 51(6).

van der Watt, A. S. J., Roos, A., Lesch, E., & Seedat, S. (2023). Factors associated with
breakup distress following a romantic relationship dissolution among emerging adult
students. *Journal of Psychology in Africa*, 33(2).

<https://doi.org/10.1080/14330237.2023.2190232>

Yılmaz, C. D., Lajunen, T., & Sullman, M. J. M. (2023). Trust in relationships: a preliminary
investigation of the influence of parental divorce, breakup experiences, adult
attachment style, and close relationship beliefs on dyadic trust. *Frontiers in
Psychology*, 14. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2023.1260480>

Zapata-Vega, D., Pichardo-Martel, C., Frías-Hiciano, M., Pacheco del Castillo, L., Espinal, J.,
& Garrido, L. E. (2022). Heartache in Young Adulthood: Cross-Cultural Adaptation
and Validation of a Spanish Version of the Breakup Distress Scale. *Emerging
Adulthood*. 10(3).

ANEXOS

Anexo A – Consentimento Informado

Caro/a Participante.

O projeto em questão decorre no âmbito da unidade curricular de Metodologias Avançadas em Psicologia II, no mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, na Universidade Católica Portuguesa, Centro Regional de Braga, sob a orientação da Prof.^a Doutora Ângela Leite. O estudo tem como objetivo central analisar perceções associadas aos relacionamentos amorosos.

Os dados recolhidos serão utilizados para fins de investigação, sendo que a participação no estudo é totalmente voluntária, garantindo os investigadores o anonimato e a confidencialidade total dos dados. A sua identidade não será revelada e se assim o desejar poderá desistir a qualquer momento sem qualquer tipo de prejuízo.

A sua participação é crucial para a realização desta investigação, agradecendo desde já pela sua disponibilidade e colaboração!

Contactos:

Alexandra Dias (alexandra.faria.dias@gmail.com)

Bárbara Silva (barbaracatarinadasilva@gmail.com)

Maria Luísa Costa (s-mlmccosta@ucp.pt)

Pedro Pereira (pedrofelixpereira77@gmail.com)

Aceita participar, de forma voluntária, no presente estudo?

Sim

Não

Anexo B – Questionário Sociodemográfico**Sexo**

- Feminino
- Masculino

Idade _____**Escolaridade completa**

- 4 anos de escolaridade: ensino básico
- 6 anos de escolaridade: 2º ciclo
- 9 anos de escolaridade: 3º ciclo
- 12 anos de escolaridade: ensino secundário
- 15/16 anos de escolaridade: licenciatura
- 17/18 anos de escolaridade: mestrado
- 20/21 anos de escolaridade: doutoramento
- Outro: _____

Situação Profissional Atual

- Inativo(a) (reformado. desempregado. com baixa médica)
- Ativo(a) (estudante. trabalhador. dono(a) de casa)

Estado Civil

- Está numa relação romântica/afetiva (namorado(a). união de facto. casado(a))
- Não está numa relação romântica/afetiva (solteiro(a). divorciado(a). separado(a). viúvo(a))

Já viveu uma relação amorosa?

- Sim
- Não

Caso tenha respondido sim. indica qual a duração do relacionamento amoroso?

- Menos de 6 meses

- 6 a 12 meses
- 12 a 24 meses
- Mais de 2 anos

Atualmente, encontra-se numa relação amorosa?

- Sim
- Não

Caso tenha respondido sim, indique qual a duração do relacionamento amoroso?

- Menos de 6 meses
- 6 a 12 meses
- 12 a 24 meses
- Mais de 2 anos

Já experienciou o fim de uma relação amorosa?

- Sim
- Não

Quem foi o responsável do fim da relação amorosa?

- Eu
- O/a parceiro/a
- Ambos

Há quanto tempo terminou a sua relação?

- Menos de 6 meses
- 6 a 12 meses
- 12 a 24 meses
- Mais de 2 anos

Depois desse término já teve outras relações?

- Sim

- Não

Qual a sua orientação sexual?

- Não quero revelar
- Heterossexual
- Homossexual
- Bissexual

Anexo C – Breakup Distress Scale
(versão original de Field et al., 2009)

Leia cada afirmação cuidadosamente e avalie em que medida ela se aplica a si próprio após o fim da relação, posicionando-se entre a opção 1 (“Não mesmo”) até à opção 4 (“Muito mesmo”). Responda honestamente, levando em consideração os seus sentimentos e experiências após o término da relação concentrando-se nesse período e nos seus sentimentos em relação a cada afirmação.

Escala Original	Tradução da Escala para português
1. I think about this person so much that it's hard for me to do things I normally do	1. Penso tanto nesta pessoa que se torna difícil para mim fazer as coisas que faço normalmente
2. Memories of the person upset me .	2. Lembrar-me da pessoa incomoda-me
3. I feel I cannot accept the breakup I've experienced.	3. Sinto que não consigo aceitar o fim da relação
4. I feel drawn to places and things associated with the person.	4. Sinto-me atraído(a) por lugares ou coisas associadas à pessoa
5. I can't help feeling angry about the breakup.	5. Não consigo evitar sentir-me irritado com o fim da relação
6. I feel disbelief over what happened.	6. Sinto que não consigo acreditar no que aconteceu
7. I feel stunned or dazed over what happened.	7. Fiquei sem reação ou sem saber como agir com o fim da relação
8. Ever since the breakup it is hard for me to trust people.	8. Desde o fim da relação é difícil para mim confiar nas pessoas
9. Ever since the breakup I feel like I have lost the ability to care about other people or I feel distant from people I care about	9. Desde o fim da relação sinto que perdi a capacidade de me preocupar com os outros ou que me distanciei das pessoas que eram importantes para mim
10. I have been experiencing pain since the breakup.	10. Tenho sofrido desde o fim da relação
11. I go out of my way to avoid reminders of the person.	11. Fujo à minha normalidade para evitar lembrar-me da pessoa
12. I feel that life is empty without the person.	12. Sinto que a vida é vazia sem a pessoa
13. I feel bitter over this breakup.	13. Sinto-me amargurado/a com o fim da relação
14. I feel envious of others who have not experienced a breakup like this.	14. Sinto inveja daqueles que nunca passaram pelo fim de uma relação
15. I feel lonely a great deal of the time since the breakup.	15. Sinto-me só uma grande parte do tempo desde o fim da relação
16. I feel like crying when I think about the person	16. Sinto vontade de chorar quando penso na pessoa.

Anexo D – Unidimensional Relationship Closeness Scale

(versão original de Dibble et al., 2011)

Instruções: As questões seguintes referem-se à sua relação com o seu parceiro romântico (amigo/a, familiar, etc.). Por favor, pense na relação que tem com essa pessoa enquanto responde às próximas questões. Por favor, responda utilizando a seguinte escala:

Discordo Fortemente 1 2 3 4 5 6 7 Concordo Fortemente

Escala Original	Tradução da Escala para português
1. My relationship with my partner is close.	1. A minha relação com o meu/minha parceiro/a é próxima.
2. When we are apart, I miss my partner a great deal.	2. Quando estamos separados/as, tenho muitas saudades dele/a.
3. My partner and I disclose important personal things to each other.	3. Eu e o/a meu/minha parceiro/a partilhamos informações pessoais um/a com o/a outro/a.
4. My partner and I have a strong connection.	4. Eu e o/a meu/minha parceiro/a temos uma ligação forte.
5. My partner and I want to spend time together.	5. Eu e o/a meu/minha parceiro/a queremos passar tempo juntos.
6. I'm sure of my relationship with my partner.	6. Estou seguro/a na relação com o/a meu/minha parceiro/a.
7. My partner is a priority in my life.	7. O/A meu/minha parceiro/a é uma prioridade na minha vida.
8. My partner and I do a lot of things together.	8. Eu e o meu/minha parceiro/a fazemos muitas atividades juntos/as.
9. When I have free time I choose to spend it alone with my partner.	9. Quando tenho tempo livre, escolho passá-lo com o/a meu/minha parceiro/a.
10. I think about my partner a lot.	10. Penso muito sobre o/a meu/minha parceiro/a.
11. My relationship with my partner is important in my life.	11. A minha relação com o/a meu/minha parceiro/a é importante na minha vida.
12. I consider my partner when making important decisions.	12. Tenho em conta o/a meu/minha parceiro/a quando tomo decisões importantes.

Anexo E – Attitudes Towards Infidelity Scale

(versão original de DeWall, 2011)

Instrução: Falamos de infidelidade quando uma pessoa é infiel numa relação monogâmica.

O propósito desta escala é obter um melhor entendimento acerca do que as pessoas pensam e sentem sobre as questões associados à infidelidade. Não há respostas certas ou erradas a nenhuma das afirmações; estamos interessados nas suas reações e opiniões sinceras. Por favor, leia cada uma das frases cuidadosamente e responda utilizando a seguinte escala:

Discordo Fortemente 1 2 3 4 5 Concordo Fortemente

Escala Original	Tradução da Escala para português
1. Cheating on my partner is morally wrong	1. Trair o/a meu/minha parceiro/a é moralmente errado.
2. If I could get away with it. I would cheat on my partner	2. Se a outra pessoa nunca soubesse, eu trairia o/a meu/minha parceiro/a.
3. Being faithful to my romantic partner is important to me	3. Ser fiel ao/à meu/minha parceiro/a romântico é importante para mim.
4. Cheating on my romantic partner would not be a big deal	4. Trair o/a meu/minha parceiro/a não é algo importante.
5. I would cheat on my romantic partner if I was given the opportunity	5. Trairia o/a meu/minha parceiro/a se tivesse oportunidade.